

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

GUILHERME WEFFORT ALMEIDA

**NOTÍCIA, TEMPO E ARTISTA:**

CHICO BUARQUE DE HOLLANDA NAS PÁGINAS DA FOLHA DE S. PAULO À LUZ  
DAS TEORIAS DA NOTÍCIA

São Paulo

2024

GUILHERME WEFFORT ALMEIDA

**NOTÍCIA, TEMPO E ARTISTA:**

CHICO BUARQUE DE HOLLANDA NAS PÁGINAS DA FOLHA DE S. PAULO À LUZ  
DAS TEORIAS DA NOTÍCIA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado  
ao Departamento de Jornalismo e Editoração  
da Escola de Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo para a obtenção do  
título de bacharel em Comunicação Social com  
habilitação em Jornalismo  
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Barbosa

São Paulo

2024

Nome: Almeida, Guilherme Weffort

Título: Chico Buarque de Hollanda nas páginas da Folha de S. Paulo à luz das teorias da notícia

Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade de São Paulo, pública, gratuita, e, apesar dos pesares, de qualidade, por me acolher no início, e me permitir voltar.

A meus pais, Marcelo e Renata, por me darem a opção de desistir, e apoarem minha decisão de não o fazer. À minha mãe, também, por ser a primeira intérprete de Chico Buarque que ouvi.

À minha irmã, Isadora, por me dar vontade de encerrar este ciclo junto com ela.

À Bruna, por me ver jornalista mesmo quando eu nem me via estudante.

Ao professor Alexandre Barbosa, por me acompanhar nesse último capítulo, com o mesmo carinho, atenção e paciência de sempre. E, por meio dele, a todos os docentes que tive nesta universidade.

À Bianka Vieira, excelente jornalista e melhor ainda como amiga, por escrever a reportagem que definiu o tema deste TCC, e por estar perto desde o dia da matrícula.

Aos amigos e amigas que comigo entraram em 2015, e até hoje permanecem, pela convivência, pelas risadas, ajuda nos trabalhos, e por despertarem em mim enorme admiração.

À gestão 29 da Ecatlética, por me fazer ter a certeza de que amador é quem faz o que ama.

Às amigas e amigos das gestões AGarra, Sabiá e Cravos do Centro Acadêmico Lupe Cotrim: foi bonita a festa, pá! Fiquei contente, e ainda guardo renitente um velho cravo para mim.

A Sérgio Gomes da Silva e Ana Luisa Zaniboni Gomes, por abrirem sua casa para enriquecedoras discussões e descontraídas conversas, e reforçarem sempre a importância do bom jornalismo e seu papel na transformação do mundo.

Ao Ricardo Sonzin Jr., por valorizar e incentivar a curiosidade e o amor pela arte, e mostrar que pode ser sempre carnaval, mesmo quando o samba é só tristeza que balança.

Aos amigos Alexandre, Marco e Paulo Vicente, pela certeza de que sempre estarão por vir intermináveis conversas, desabafos, sabores e risadas.

Aos amados Ethel e Rafa, por serem casa em São Paulo, Recife ou qualquer lugar, sempre com cerveja gelada e um bom disco na agulha.

A todos aqueles que, mesmo não citados, fizeram parte de cada pedaço desse longo e incerto caminho.

Por fim, a Chico Buarque de Hollanda, por fazer caber um país inteiro, do sonho à desesperança, em sua obra.

“Pensou que eu não vinha  
mais, pensou  
Cansou de esperar por mim  
Acenda o refletor  
Apure o tamborim  
Aqui é o meu lugar  
Eu vim”

Chico Buarque de Hollanda

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar a forma com a qual a Folha de S. Paulo noticiou, em sua edição impressa, o artista Chico Buarque de Hollanda entre 19 de junho de 2014 e 19 de junho de 2023. Para embasar a análise, foram utilizados dois pesquisadores das teorias da produção noticiosa no ocidente Nelson Traquina, por meio de sua sistematização dos critérios de noticiabilidade e Jorge Pedro Sousa, o qual descreve seis níveis de influência sobre a notícia. Por meio destes conceitos, se buscará compreender qual o foco dado pelo maior jornal do Brasil a um dos artistas nacionais mais importantes dos últimos 60 anos, durante os nove anos mais conturbados da história política recente.

**Palavras-chave:** Chico, Buarque, Folha, noticiabilidade, jornalismo, música, cultura.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to analyze how Folha de S. Paulo reported, in its print edition, the artist Chico Buarque de Hollanda between June 19, 2014, and June 19, 2023. To support the analysis, two researchers of newsmaking theories in the Western world were employed: Nelson Traquina, through his systematization of news value criteria, and Jorge Pedro Sousa, who describes six levels of influence on news. Through these concepts, it will be sought to understand the focus given by the largest newspaper in Brazil to one of the most important Brazilian artists of the last 60 years, during the nine most tumultuous years of the country's recent history.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Na mais fina companhia

Tabela 2 - O Velho Francisco (conflito)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO E PERSONAGEM.....</b>	<b>13</b>
1.1. Eu vi um Brasil na tevê.....	13
1.2. Os passos dessa estrada.....	29
<b>CAPÍTULO 2 - JORNALISMO E TEORIAS DA NOTÍCIA.....</b>	<b>33</b>
2.1 O Modelo de Jornalismo Ocidental e seus limites.....	37
2.2 Forças conformadoras da notícia e seus níveis de influência.....	38
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....</b>	<b>45</b>
3. 1 Enquanto eu puder cantar.....	47
3. 2 Tem samba de sobra.....	56
3. 3 Na mais fina companhia.....	59
3. 4 O Velho Francisco.....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Para definir os parâmetros deste trabalho, foram ponderados alguns aspectos subjetivos e outros tantos objetivos. A começar pelo formato mais adequado. Realizar um produto jornalístico, qual fosse, seria praticamente inviável. Depender de fontes e encaixar suas agendas nos poucos horários disponíveis fora das 44 horas semanais de trabalho, seria de maior risco que me empenhar em um projeto individual, ou quase isso. A opção pela monografia, menos jornalística e mais solitária, foi o pontapé inicial deste TCC.

A seguir, após as primeiras reuniões, mensagens e áudios de orientação, foram definidos os personagens principais desta empreitada. Primeiramente, Chico Buarque de Hollanda. O artista carioca, figurinha carimbada na lista dos mais ouvidos por quem escreve esta monografia, há pelo menos uma década, completa 80 anos em 19 de junho de 2024. A efeméride, palavra ensinada nas primeiras semanas do curso de jornalismo, seria, por si, uma boa desculpa para falar de Chico. O papel que ele ocupou, de forma voluntária ou não, no Brasil da última década, e como isso foi tratado pela imprensa, tornam esta desculpa menos esfarrapada.

Em segundo lugar, a *Folha de São Paulo*. O jornal centenário figura entre os mais lidos do país, carrega consigo credibilidade, possui um caderno fixo de cultura e era o de mais fácil acesso quando este trabalho foi pensado. Familiaridade e assinatura ativa foram os critérios que trouxeram a publicação da família Frias ao centro da pauta. Como Chico Buarque apareceu nas páginas da Folha desde que completou 70 anos? Da segunda eleição de Dilma Rousseff ao retorno de Luiz Inácio Lula da Silva e a efetiva entrega do prêmio Camões, que lugar ele ocupou no tabuleiro de um Brasil dividido? Quem apareceu mais: suas obras ou seus posicionamentos políticos? Qual a relevância de um artista que, embora consagrado, produz com menos frequência que em outros momentos de sua carreira?

Em busca de responder essas perguntas, levantar-se novas e, se possível, caminhar na direção de conclusões, foi preciso refinar mais o objeto de análise. A primeira decisão foi trabalhar apenas com a edição impressa da *Folha*. Não foram utilizadas as versões físicas, mas sim o *Acervo Folha*, plataforma digital na qual estão arquivadas as edições do jornal desde a primeira, da então Folha da Noite, publicada em 19 de fevereiro de 1921. O recorte de tempo tem como marco inicial o aniversário de 70 anos de Chico Buarque e se encerra no de 79, já que a data final para a entrega desta monografia é anterior à chegada dos 80.

A busca inicial foi por “Chico Buarque” no campo “Exatamente esta frase” do acervo. A ideia era que o modo mais comum de se referir ao personagem levasse às matérias em que seu nome aparecesse no título, tanto da maneira pesquisada como de outras formas, por exemplo, Chico. O resultado foi de 2115 citações ao longo dos nove anos abordados. Para ter uma ideia, no mesmo período, seus contemporâneos Caetano Veloso e Gilberto Gil foram citados, respectivamente, 1989 e 1600 vezes. Diante desse número, e da limitação da plataforma, a qual não permite que se copie texto utilizando *Ctrl C*, foi necessário um recorte de formato. Em mais um retorno às cadeiras do primeiro ano de jornalismo, a escolha foi por selecionar textos que tivessem título e linha fina, isto é, a forma mais tradicional possível, e nos quais o nome de Chico estivesse, em parte ou todo, em um destes elementos principais.

Este conjunto de restrições eliminou, de imediato, notas em coluna social, boa parte dos textos de opinião, e as centenas de vezes, sem eufemismo, em que o nome do artista apareceu na página de dicas culturais da *Ilustrada* ou do *Guia da Folha*, majoritariamente relacionadas a releituras de sua obra musical e teatral. O *Guia* por sinal, também foi excluído do escopo do trabalho, por se tratar de um apêndice da edição. Em mais um obstáculo imposto pelo acervo, não foi possível tirar o *Guia* pelo filtro de cadernos, mas, após as primeiras horas de pesquisa, a diferença no tamanho e formatação das páginas tornaram possível passar direto sem abri-las. Também não foram abertas capas das edições, por não ser comum encontrarmos nelas algo além de chamadas.

Foram, ao fim dessa curadoria inicial, selecionadas 98 matérias. Deste número, foram retiradas as poucas notas e colunas que passaram pelo primeiro filtro. Importante dizer que as últimas não estão no mesmo enquadramento das análises, resenhas e críticas. Estas, características da *Ilustrada*, são utilizadas na cobertura cultural para apresentar acontecimentos noticiosos. Do contrário, o jornalismo de cultura se resumiria à divulgação de agenda. Sobraram, ao final, 86 textos.

No processo de escrita do texto, foi feita a opção de trazer, primeiramente, o contexto histórico que permeou a produção das reportagens. Por meio de notícias publicadas ao longo da última década, se pode apresentar os principais acontecimentos da política brasileira neste período. Foi dada preferência às matérias que tratasse de fatos previamente selecionados, com base na percepção inicial da atuação política de Chico Buarque entre seus 70 e 79 anos.

O tópico seguinte é a apresentação do protagonista deste trabalho. Conhecer, ainda que superficialmente, a trajetória política, musical, teatral e literária de Chico ao longo de seus quase 60 anos de carreira se faz necessário para compreender os acontecimentos dos últimos 10. Seja do ponto de vista de sua produção artística ou participação política, Chico desperta

curiosidade até hoje, uma vez que foi alçado pelo público, pela indústria cultural e, como será mostrado, pela imprensa, ao patamar de ícone da arte brasileira.

Para construir o arcabouço da análise, é necessária uma somatória de fatores. Após o resgate do período histórico abordado e da apresentação de Chico Buarque como personagem escolhido, se irá discorrer, no segundo capítulo a respeito das teorias da notícia. Serão sistematizados os chamados valores-notícia, apresentados pelo pesquisador Nelson Traquina, os quais podem determinar, de maneira objetiva, o que leva um acontecimento às páginas de um jornal e, em adição a eles, os níveis de influência sobre a notícia, propostos por Jorge Pedro Sousa, os quais dizem respeito às “forças conformadoras” da produção jornalísticas. Também serão utilizadas na parte teórica a definição do “modelo de jornalismo ocidental” e a diferenciação dos tipos de acontecimento, também trazidas por Sousa.

Construído o esqueleto do trabalho, se tornará possível chegar à parte central deste. Compreender, por meio das teorias da notícia e das matérias selecionadas, como Chico Buarque de Hollanda foi retratado nas páginas da Folha de São Paulo entre 19 de junho de 2014 e 19 de junho de 2023, entender a forma com a qual a produção jornalística do principal jornal do país se relaciona com Chico e sua obra no conturbado contexto político do brasileiro da última década e, se possível, diagnosticar o que o artista carioca simboliza aos quase 80 anos de vida e 60 de carreira.

Primeiramente, o foco será sua produção inédita neste período e como esta chegou às páginas da Folha de S. Paulo. Em seguida, serão analisadas as matérias nas quais a obra de Chico é protagonista, em especial por meio de releituras ou reedições. Na terceira parte da análise, o protagonismo das notícias será de outros artistas ou personalidades, e será visto como o nome ou a figura do artista brasileiro é usada na construção da noticiabilidade. Por fim, o foco será a atuação de Francisco Buarque de Hollanda como cidadão, por meio de suas posições, apoios políticos e tensões.

## CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO E PERSONAGEM

### 1.1. Eu vi um Brasil na tevê

De 2014 a 2023, foram quatro presidentes empossados, um impeachment, três eliminações em Copas do Mundo, a primeira delas por 7x1 em casa, seis ex-presidentes investigados, dois deles presos, uma megaoperação contra a corrupção que mexeu com os rumos do país, sucessivas crises econômicas e oscilações de indicadores sociais, uma pandemia e uma tentativa de golpe de Estado. Caberá a este capítulo apenas a tentativa de organizar, cronologicamente, os principais momentos desses 10 anos em que frases como “Parece *House of Cards*”, “Deve ser só um personagem”, “Nem o melhor dos roteiristas pensaria nisso” e, sobretudo, “O Brasil não é para amadores” se tornaram corriqueiras nas discussões sobre o país. No entanto, antes de entrar no ano em que Chico Buarque completou 70 anos, cabe falar das jornadas de junho de 2013, manifestações de rua que aconteceram em diversas cidades do país com o intuito de impedir o aumento nas tarifas de transporte público, em especial nas grandes cidades. A mobilização para barrar os 20 centavos de aumento reuniu grupos diversos da sociedade brasileira, seja do ponto de vista de classe ou de matriz ideológica.

Inicialmente, os protestos foram dirigidos por setores ligados à esquerda, que atrelaram, à pauta do transporte, críticas ao governo de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. Após 11, o *modus operandi* do PT no governo era tido, por estes setores, como em fase de esgotamento. As críticas iam, no sentido de que havia um paradoxo limitador nos governos petistas, que adotaram a estratégia de “equilibrar pratos” e conciliar as demandas dos diferentes estratos econômicos do Brasil. Como define o professor André Singer, o lulismo (nome dado por ele à política de governo adotada entre 2003 e 2014) é um reformismo fraco, que evita confrontar o capital e catalisar as tensões sociais.

Para sustentar esse modelo, os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff construíram uma base parlamentar forjada nas alianças com o que hoje chamamos de “centrão”, naquela época capitaneado pelo PMDB, do então vice-presidente Michel Temer. Esse pacto de governança serviu para implantar as políticas de distribuição de renda, acesso ao ensino superior e melhores condições de crédito para a parcela mais pobre do país. Também foi útil para blindar, ao menos politicamente, o governo, que conviveu, especialmente a partir do chamado mensalão, com denúncias de corrupção e capas de revista

decretando o fim do PT. O preço desse ambiente pacificado em Brasília foi o loteamento de ministérios a partidos do centrão e da centro-direita.

Essa construção de uma supermaioria permanente no congresso, a qual torna a oposição irrelevante, é batizada de “peemedebismo” pelo professor Marcos Nobre, da Unicamp. Os governos FHC, Lula, e o primeiro governo Dilma dançaram ao som da música tocada pelo PMDB e seus semelhantes menores. Ocorre que, de acordo com Nobre, foi justamente após 2013 que esse modelo colapsou, fato que, aquecido por um descrédito geral da população a política tradicional, tem ligação com as jornadas de junho.

Isso porque, com a massificação das manifestações, em especial após a Polícia Militar de São Paulo reprimir violentemente o ato de 13 de junho, começaram a surgir novas pautas nos carros de som ao redor do país. Cartazes com mensagens contra a corrupção, pedidos de hospitais padrão FIFA, motivados pelo início da Copa das Confederações de futebol masculino, em 15 de junho, e pelas notícias que apontavam altos valores de verbas públicas gastos com as obras da Copa do Mundo masculina de 2014, além de críticas à Proposta de Emenda Constitucional 37, de 2011, que tramitava no congresso e buscava reduzir o poder de investigação do Ministério Público. Os manifestantes apontavam que, uma vez aprovada, a PEC 37 seria um estímulo à corrupção.

Mesmo com a revogação do aumento da tarifa, os atos continuaram, e o “Vem pra rua contra o aumento” se tornou “Vem pra rua contra o governo”. A camisa da seleção brasileira e a tinta verde e amarela se tornaram indumentárias padrão dos manifestantes. Bandeiras de partidos políticos que compunham as manifestações foram rasgadas sob gritos de “Sem partido!”. Neste momento das jornadas, houve o estabelecimento de uma estética de ato público que seria repetida nos anos seguintes. Ainda que não exista linha reta entre 2013 e a ascensão da extrema direita, e que os diagnósticos sobre as jornadas de junho sejam diversos e divergentes, é possível enxergar, naquele momento histórico, um embrião do que veio a seguir. Figuras como a hoje deputada federal Carla Zambelli, então líder do movimento *Nas Ruas*, atribuem a 2013 o marco inicial do movimento conservador que chegou ao Planalto em 2018.

As manifestações arrefeceram ao longo do mês, a PEC 37 foi derrubada na Câmara dos Deputados e o Governo Federal, em conjunto com os estaduais, anunciou medidas para tentar mitigar o estrago. A aprovação de Dilma Rousseff despencou de quase 60% para 30%, e a presidente foi hostilizada durante a abertura da Copa das Confederações.

Tudo isso a um ano e quatro meses das eleições presidenciais. Ademais, havia uma insatisfação de setores importantes da economia, como a indústria e os bancos. A malsucedida

tentativa de reindustrialização feita por Dilma não serviu para manter os empresários industriais perto e ainda causou a insatisfação do setor financeiro, em função da redução forçada dos juros e da diminuição do *spread* bancário. Ainda assim, a presidente tinha a seu favor os indicadores econômicos positivos. O país entrou em 2014 com 5,4% de desemprego (fechou com 4,6%), 5,91% de inflação anual (fechou com 6,41%), e o reajuste do salário-mínimo para o ano foi de 6,78% (acima da inflação).

O primeiro semestre de 2014 foi um aquecimento para os grandes eventos do ano. O país esquentava os motores para a Copa do Mundo, sediada novamente no Brasil após 64 anos, com abertura prevista para 12 de junho. A expectativa pelo hexacampeonato, convivia com o canteiro de obras que se formou nas 12 capitais escolhidas como sede do mundial. A população se irritava com a quantidade de tapumes que cercavam obras atrasadas ou inacabadas e com os altos valores nelas investidos. Soma-se a isso os preços elevados de ingressos, que restrinham os jogos a uma parcela pequena de brasileiros, e o vislumbre da Copa se tornou, à medida que os meses foram passando, uma realidade menos colorida do que parecia.

Assim como a seleção de Luiz Felipe Scolari, praticamente definida desde 2013, a convocação para as eleições, com primeiro turno previsto para 5 de outubro, despertava poucas dúvidas. Em meados de abril, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) confirmou as expectativas e se lançou como terceira via, representado pelo candidato a presidente Eduardo Campos, e a candidata à vice-presidente Marina Silva. O discurso da chapa foi no sentido de romper a polarização entre o PT, da então presidenta Dilma, e o PSDB, que preparava a candidatura de Aécio Neves para o pleito de outubro.

Havia incerteza na candidatura de situação. Desde o início do governo Dilma, o PT havia deixado claro que ela seria candidata à reeleição. Todas as declarações de Lula, antecessor e padrinho político da então mandatária, foram nesse sentido. Em fevereiro de 2013, ele afirmou que a vitória de Dilma em 2014 seria uma resposta à oposição.

No início do ano eleitoral, após as manifestações de 2013, com as obras da Copa atrasadas, e a economia dando sinais de que caminharia para um momento de instabilidade, o nome de Dilma Rousseff como candidata ao tetra petista foi colocado em xeque. Teve início o movimento “Volta Lula”, o qual, articulado por representantes da política e alguns empresários, defendia que a candidatura de Dilma, ainda que líder disparada nas pesquisas (Na pesquisa Ibope de abril, aparecia com 37%, contra 14% de Aécio e 6% de Campos) estava em viés de queda, e o retorno do ex-presidente poderia garantir a vitória do PT. O “não” de Lula a um possível retorno foi mantido, e Dilma foi oficializada candidata

Os meses de junho, julho e agosto foram movimentados. A abertura da Copa, no estádio do Corinthians, em São Paulo, teve ofensas das arquibancadas à Presidenta da República. Dois dias após o jogo, no lançamento oficial de sua candidatura, Aécio Neves fez coro aos presentes em Itaquera; disse que o governo era uma bananeira que já dera cacho e precisava ser cortado. Também criticou a economia, uma vez que a inflação acumulada do primeiro semestre já alcançava os índices de 2013 inteiro.

No oitavo dia do segundo semestre, a seleção brasileira foi eliminada da Copa do Mundo, após uma goleada sofrida para a Alemanha. O “7x1”, que foi do luto ao meme, entrou para o vocabulário popular como símbolo de derrotas, em especial as mais cotidianas. “Todo dia um 7x1 diferente” entra no rol de expressões popularizadas na última década. Passado julho e a Copa do Mundo, vencida pelos alemães, as atenções do noticiário, e da população em geral, se voltaram para a campanha eleitoral. A propaganda gratuita de rádio e televisão teve início em 16 de agosto, mas já era permitida propaganda pela internet e nas ruas desde 6 de julho, as candidaturas passaram a utilizar, pela primeira vez, o *WhatsApp* como ferramenta importante de campanha.

Em 13 de agosto, um acidente aéreo matou o candidato Eduardo Campos, então terceiro colocado nas pesquisas, com 8% das intenções de voto. Marina Silva assumiu a cabeça da chapa e, na primeira pesquisa, publicada pelo *Datafolha* em 18 de agosto, apareceu com 21% dos votos, tecnicamente empatada com Aécio, 20%, em segundo lugar. No cenário de segundo turno, 47% para Marina e 43% para a então presidenta. Em 29 de agosto, a ex-senadora ficou empatada com a petista no primeiro turno, ambas com 34%, e abriu 10% no cenário de segundo turno, 50% a 40%. O crescimento de Marina assustou as campanhas do PT e do PSDB. Em especial a do partido de Lula, que mudou o tom e passou a centrar fogo na ex-senadora. A campanha de Aécio passou a pintar Marina como petista, buscando consolidar os votos mais conservadores e surfar no antipetismo.

Ao longo do mês de setembro, o gráfico de intenções de voto da candidata do PSB teve queda constante. Na direção oposta, Aécio cresceu e chegou na pesquisa de 4 de outubro, um dia antes do 1º turno, com 26% das intenções de votos, 2% a mais que Marina e 18% a menos que Dilma, que aparecia com 44%. O resultado final apontou que o crescimento do tucano foi maior que o esperado. Com 34% dos votos, contra 42% da candidata à reeleição, o ex-governador de Minas Gerais chegou ao segundo turno contando com a rejeição de sua adversária e o desgaste do PT para alcançar o Palácio do Planalto.

A segunda volta da eleição presidencial, disputada entre os conterrâneos mineiros Dilma Rousseff e Aécio Neves, começou praticamente empatada: 46% a 44% para o neto de

Tancredo, 17 dias antes da votação. As campanhas, então, aumentaram o volume. Nas redes e comícios do PT, a narrativa era de que a reeleição de Dilma seria para ampliar as conquistas sociais, que Aécio representava os mais ricos, era contra o povo. Uma campanha tida, à época, como mais à esquerda do padrão petista nas disputas anteriores. Do outro lado, a campanha de Aécio se concentrou em bater no PT, se utilizando das denúncias de corrupção a seu favor.

Três dias antes do segundo turno, a revista *Veja* publicou uma capa com o título “Eles sabiam de tudo”. A reportagem principal trazia a informação de que o doleiro Alberto Youssef, em delação premiada feita à operação *Lava-jato*, deflagrada em março daquele ano, teria apontado Lula e Dilma como cientes do esquema de corrupção na Petrobras. Não havia provas que corroborassem com a suposta tese de Youssef, e a forma com que a revista elaborou sua capa, divulgada antecipadamente, na semana da eleição, gerou fortes críticas vindas dos apoiantes de Dilma.

Na última pesquisa, publicada dia 25 de outubro, o cenário era de empate técnico, uma vez que a candidata do PT tinha 52%, e o do PSDB, 48%. O resultado comprovou o cenário polarizado e apertado: 51,64% dos eleitores brasileiros reconduziram Dilma Rousseff à Presidência da República, e 48,36% deram a Aécio Neves, ao PSDB e à oposição, a sensação de que haviam sido derrotados em mais uma batalha, mas que o futuro poderia ser promissor.

No discurso após a derrota, Aécio falou em unir o Brasil, e disse ter parabenizado a candidata vencedora por telefone. De maneira contraditória, 4 dias após a eleição, o PSDB entrou com um pedido de recontagem de votos no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A intenção do partido com o pedido seria tranquilizar eleitores que questionaram o resultado via redes sociais. Discursos alegando fraude, e ofendendo os eleitores de Dilma, em especial os nordestinos, foram comuns entre os apoiantes do candidato tucano.

Menos de uma semana após a quarta vitória seguida do PT em eleições presidenciais, ocorreram as primeiras manifestações de rua pedindo o *impeachment* de Dilma Rousseff. Aproximadamente 2.500 manifestantes foram à Avenida Paulista com faixas e gritos de “ditadura”, “vai pra Cuba” e “fraude eleitoral”. O ato contou com a presença de notórios opositores do governo, como o cantor Lobão. Em Brasília e no Rio de Janeiro também houve protestos. O cenário anunciava que o segundo governo Dilma teria que lidar com uma oposição inconformada e apoiantes esperançosos com as promessas de campanha.

Na tentativa de acalmar os ânimos do primeiro grupo, Dilma entrou em rota de colisão com o segundo. Após vencer com discurso desenvolvimentista e promessa de acentuação da distribuição de renda e oportunidades, a presidente reeleita nomeou, para comandar o

Ministério da Fazenda, o economista Joaquim Levy. Outras pastas também passaram ao controle de representantes de grupos, em tese, opostos a Dilma e ao PT. Por mais que o discurso de posse, em 1 de janeiro de 2015, tenha levado à cabo a bandeira de “Nenhum direito a menos, nenhum passo atrás”, a impressão que a aurora do Dilma II deixou para a militância de esquerda, em especial os movimentos sociais, ficou longe do que apontou sua campanha.

A austeridade econômica, materializada no ajuste fiscal de maio de 2015, que congelou orçamentos de ministérios e programas sociais, tinha como objetivo equilibrar as contas públicas e atrair de volta o apoio dos setores produtivo e financeiro. Serviu para gerar ainda mais descontentamento por parte dos apoiadores de Dilma e consolidar a queda em sua popularidade, já abaixo de 20% no meio de 2015. Os pronunciamentos em rede nacional, feitos por ela ou por Lula, eram acompanhados pelos panelaços. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), apoiadora dos governos petistas, se posicionou contra o ajuste, e passou a pedir a cabeça do ministro Levy.

No parlamento, a situação do governo também não era positiva. Em uma tentativa frustrada de demonstrar poder no legislativo, o PT lançou Arlindo Chinaglia à presidência da Câmara dos Deputados. O deputado federal por São Paulo foi derrotado por Eduardo Cunha, então terceiro deputado mais votado do Rio de Janeiro, e líder do PMDB na Câmara. Ainda que não tivesse o apoio do governo à sua candidatura, e, apesar das críticas que fez à relação do Planalto com o legislativo, Cunha descartou, em seu discurso de posse, a possibilidade de dar prosseguimento a pedidos de impedimento da presidenta da República.

Concomitantemente a este processo de desgaste do governo Dilma, corria a operação *Lava-jato*. Ao longo de 2015, teve 14 fases. Foram presos, neste ano, ex-diretores da Petrobras, como Nestor Cerveró, presidentes de duas das maiores empreiteiras do país, Marcelo Odebrecht (*Odebrecht*) e Otávio Marques de Azevedo (*Andrade Gutierrez*) e políticos ligados ao PT, como André Vargas, José Dirceu, Alexandre Romano e João Vaccari Neto. Também houve denúncias contra Eduardo Cunha e o ex-presidente, e então senador, Fernando Collor de Mello.

Com operações transmitidas em rede nacional, a *Lava-jato* engrossou o caldo do discurso anticorrupção que, naquele momento, era o símbolo da insatisfação dos movimentos que pediam a queda de Dilma Rousseff. Além disso, a operação alçou à fama personagens, os quais, em determinado momento, ganharam, nas ruas e em parte imprensa, *status* de heróis nacionais. Desde o “japonês da Federal”, responsável por conduzir coercitivamente e levar à

justiça muitos dos que eram tidos como criminosos, até o procurador Deltan Dallagnol e o juiz Sérgio Moro, que se tornou totém da moralidade entre 2015 e 2018.

Uma das consequências imediatas da Lava-jato foi a instauração da CPI da Petrobras, na qual foram ouvidas pessoas ligadas às denúncias de corrupção na estatal. O relatório final não recomendou o indiciamento de nenhum político, e o único ouvido foi Eduardo Cunha, que afirmou não ter contas no exterior. Esse depoimento de Cunha foi decisivo para a derrubada de Dilma Rousseff. Isso porque, quando se noticiou que o presidente da Câmara teria, sim, contas no exterior, foi instaurado um processo contra ele por quebra de decoro parlamentar. O governo recomendou aos três deputados do PT membros da comissão de ética que votassem a favor de Cunha, pelo arquivamento da ação. Os três, após discussão com a bancada petista, não seguiram a orientação e anunciaram que votariam pela continuidade do processo contra o deputado carioca. No mesmo dia, 2 de dezembro de 2015, Eduardo Cunha acolheu um dos muitos pedidos de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Para fechar o ano, foi publicada uma carta na qual o então vice-presidente Michel Temer demonstrou seu descontentamento com a mandatária do país, e, entre mesóclises e outros arabescos sintáticos, desfiou um novelo de lamentações, disse se sentir um vice decorativo, e cobrou mais protagonismo no governo. O casamento entre PT e PMDB parecia estar com dias contados.

O ano de 2016 começou com a *Lava-jato* cada vez mais incontestável pela opinião pública e o pedido de *impeachment* em análise na Câmara dos Deputados. A operação, cujo centro de comando já era chamado de “República de Curitiba”, intensificou as investigações em torno do ex-presidente Lula. Em especial no que dizia respeito a um apartamento *triplex* localizado no Guarujá, litoral paulista, que teria sido dado a Lula como pagamento de favorecimentos em contratos da *Petrobras*.

No dia 04 de março, Lula foi conduzido coercitivamente para depor à Polícia Federal. A medida causou furor nos opositores do petista e revolta em seus apoiadores. Juristas questionaram a necessidade e legitimidade do método, uma vez que Lula não fora intimado anteriormente à condução. Na semana seguinte, dia 13 de março, opositores do petista e do governo foram às ruas no país inteiro. Vestidos de verde e amarelo e munidos de bonecos infláveis representando Lula com roupa de presidiário, pediam a confirmação do *impeachment* e a prisão imediata do ex-presidente. Foram também feitas inúmeras manifestações de apoio a Sérgio Moro que, em nota, se disse tocado pelo apoio.

No ato de São Paulo, contabilizado à época como o maior desde o comício das diretas, Aécio Neves e Geraldo Alckmin, então no PSDB, foram hostilizados quando apareceram nos

carros de som. A insatisfação com o *establishment* político, incensada pelo sentimento de combate sistemático à corrupção, capitaneado pela *Lava-jato*, respingou nos tradicionais líderes do partido que, menos de um ano e meio antes, quase havia chegado à presidência da República.

Enquanto isso, na Capital Federal, o governo de Dilma Rousseff tentava se articular para barrar o *impeachment*. Em um ato derradeiro de pacificar a situação, a presidente nomeou Lula como ministro da Casa Civil. O ato foi apontado pela oposição e parte da imprensa como uma tentativa de livrar seu antecessor de uma possível prisão. Em retaliação, Sérgio Moro liberou, no mesmo dia da nomeação, 16 de março, fragmentos de ligações grampeadas, os quais contribuíram com a narrativa de que a nomeação de Lula seria uma estratégia para fugir da *Lava-jato*. No dia seguinte, a Câmara elegeu os membros da comissão do *impeachment*. Dois dias depois, o Ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, derrubou a nomeação de Lula.

No mês que se seguiu, o Brasil acompanhou, em tempo real, as sessões da comissão do *impeachment*. Os embates entre a minoria defensora de Dilma e a maioria de detratores da presidente tiveram momentos marcantes, em especial nos depoimentos de Janaína Paschoal, autora do pedido de impedimento, juntamente com os também juristas Miguel Reale Jr. e Hélio Bicudo. Nos bastidores, a bancada petista tentava obter os votos necessários para impedir a abertura do processo no plenário, e via aliados de outrora, como PP, PR e PMDB abandonarem o barco do governo.

E um domingo, 17 de abril, sob os olhos atentos de todo o país, e de um pato inflável de 20 metros de altura, instalado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) à frente do Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de impedimento. Dos 511 deputados federais que participaram da votação, 137 votaram a favor de Dilma e 367 contra. O então deputado Jair Messias Bolsonaro, o mais votado pelo Rio de Janeiro em 2014, dedicou seu voto ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, e encerrou com uma frase que viria a ser repetida por ele e seus apoiadores: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

O processo de *impeachment* foi enviado ao Senado, que constituiu uma Comissão especial para analisá-lo. Em 12 de Maio, Dilma foi afastada provisoriamente do cargo, após votação no plenário do Senado. Uma semana antes, Eduardo Cunha, principal artífice de sua derrocada, foi afastado da presidência da Câmara e do cargo de deputado, após decisão do STF. O autor da frase “Deus tenha misericórdia dessa nação” foi cassado em setembro do

mesmo ano, com 450 votos a favor e 10 contra, por mentir à CPI da Petrobras, e preso preventivamente no mês seguinte, por decisão de Sérgio Moro.

Dia 31 de agosto, após longos depoimentos de acusação e defesa, o Senado tirou, em definitivo, o mandato de Dilma Rousseff. Em uma manobra política orquestrada por aliados de Dilma e pelo então presidente do Senado, Renan Calheiros, a casa votou separadamente a perda do mandato e a inelegibilidade. Na segunda pauta, Dilma saiu vitoriosa, e manteve seus direitos políticos. Em discurso proferido ao deixar definitivamente o Palácio da Alvorada, a já ex-presidente declarou que o golpe que estava sofrendo era o início de um ciclo de ataques à população menos favorecida. Afirmou ainda que seu grupo político voltaria ao poder.

Michel Temer foi empossado e, com apoio dos principais setores da economia brasileira, prometeu pacificar o Brasil. Desde o início, seu governo foi cercado de desconfianças, ainda mais após os vazamentos de áudios em que o ex-senador Romero Jucá e o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, defendiam que o *impeachment* seria uma boa forma de brecar a lava-jato, que estava avançando sobre todos os setores da política tradicional. O governo Temer, desde o período interino, aderiu a um programa econômico de corte de gastos públicos e diminuição da máquina estatal. Cortou ministérios, reviu orçamentos e apresentou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 241 (na Câmara) ou 55 (no Senado). A *PEC do Teto* estabeleceu um congelamento dos gastos públicos por um período de 20 anos. Os apoiadores da proposta defendiam que esta seria importante para retomar as contas públicas. Os críticos apontavam que esta não levava em consideração a possibilidade de aumento futuro de arrecadação, além de asfixiar orçamentos importantes, como saúde e educação.

Antes de terminar 2016, ainda houve eleições municipais. Abatido pelo *impeachment*, e pela operação *Lava-jato*, que, em setembro, tornou Lula réu por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, em função de suposto recebimento de suborno da OAS, na forma de melhorias em um do triplex no Guarujá, em São Paulo, o PT sofreu a grande derrota de sua trajetória eleitoral, caindo de 644 prefeituras para 256, após o 1º turno. O PSDB, turbinado pelo protagonismo do *impeachment* e pela presença no governo Temer, passou das 800 prefeituras, e venceu em São Paulo, com João Doria Jr., no 1º turno, algo inédito desde que houve a possibilidade de 2º turno na capital paulista. Além dos tucanos, cresceram os partidos menores, muitos deles parte do centrão. Essa ascensão empurrou o partido de Lula para o 10º lugar em número de prefeituras.

2017 teve um início semelhante ao final do ano anterior. O governo Temer, com baixa aprovação popular, mas alto respaldo parlamentar, tentava colocar em prática suas medidas

econômicas. A oposição, abalada pela derrota eleitoral e acuada pela *Lava-jato*, tentava juntar seus cacos, e a “República de Curitiba” seguia sua cruzada contra a corrupção e cercava Lula. A principal notícia foi a morte, após acidente aéreo, do Ministro do STF Teori Zavascki, relator dos processos da *Lava-jato* que envolviam agentes com foro por prerrogativa de função.

Prestes a completar um ano de governo, Michel Temer já tinha aprovação menor do que a de Dilma quando afastada pela Câmara (9% contra 13% da petista, segundo o *Datafolha*). A aprovação do então presidente chegaria a 3% ao longo do mandato. A mesma pesquisa, publicada em 30 de abril de 2017, apontava que cerca de 80% da população queria eleições diretas já naquele momento. Em maio, o *Datafolha* apontou Lula como líder em todos os cenários de uma possível eleição presidencial, seguido por Marina Silva e Jair Bolsonaro, em ascensão por canalizar o sentimento de revolta gestado desde 2013 - e engrossado após a saída de Dilma -, e por dar voz a um movimento conservador, que durante anos não teve representante evidente e viu no capitão reformado a possibilidade de um líder.

Dias depois desta pesquisa, Lula depôs ao juiz Sérgio Moro em Curitiba e negou as acusações relativas ao triplex do Guarujá. Um mês após o depoimento, veio a condenação do petista em primeira instância. Lula ainda se tornaria réu por corrupção passiva e lavagem de dinheiro relacionadas a reformas feitas em um sítio, na cidade de Atibaia, o qual era frequentado por sua família.

No Planalto, Temer foi bombardeado por denúncias de corrupção, obstrução de justiça e organização criminosa, a primeira delas enviada ao parlamento pelo então Procurador Geral da República, Rodrigo Janot, em função de suposta ação do então presidente para beneficiar a empresa frigorífica JBS, do empresário Joesley Batista, em troca de propina. A Câmara dos Deputados, já sob a batuta de Rodrigo Maia, impediu, por duas vezes, em votação no plenário, que Temer fosse investigado pelo STF.

A proteção ao mandatário foi um sinal de que ele terminaria o mandato, e seguiria com as medidas impopulares que prometeu ao assumir. O ex-presidente foi preso duas vezes em 2019, após deixar a presidência, por supostamente comandar uma Organização Criminosa que recebia propina relacionada a contratos entre empreiteiras e a *Eletronuclear*, empresa ligada à *Eletrobras*.

O ano, talvez, mais movimentado da história política recente, foi 2018. Um país em constante tensão desde 2013, com um aumento significativo da pobreza durante a presidência de Michel Temer e descrença no sistema político. Esses fatores davam o contorno do que seriam aqueles 365 dias. Logo ao fim do mês de janeiro, o Tribunal Regional da 4ª Região,

em Porto Alegre, condenou Luiz Inácio Lula da Silva a 12 anos de prisão pelo caso do triplex. Com o entendimento, vigente na época, do STF, Lula poderia cumprir pena em regime fechado a partir daquela condenação.

Foram pouco mais de dois meses entre a condenação e a expedição do mandado de prisão pelo juiz Sérgio Moro, em 5 de abril daquele ano. O então ex-presidente foi ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, e, durante um dia todo, manteve suspense a respeito de acatar ou não a ordem de prisão. No dia 7, após discursar em rede nacional, ao lado de Fernando Haddad, Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila, apontados como seus possíveis sucessores, Lula se entregou à Polícia Federal e foi levado para a superintendência da corporação em Curitiba.

Com a prisão, o então líder nas pesquisas se tornou inelegível, pela Lei da Ficha Limpa. Sua defesa foi ao TSE em busca de manter a candidatura e à justiça comum na tentativa de reverter a condenação e a prisão. A campanha “Lula Livre” foi o centro da pauta entre o PT e seus apoiadores. Após demora em definir a estratégia eleitoral, foi oficializada a candidatura de Lula à presidência, com Fernando Haddad vice, e a indicação tácita de que Manuela D'Ávila assumiria a vice, caso o TSE indeferisse, como esperado, a candidatura do então ex-presidente. Guilherme Boulos e Ciro Gomes, vistos como possíveis apoiadores de uma chapa petista, optaram por lançar candidaturas próprias. Do outro lado, Jair Bolsonaro, já descolado de Marina Silva nas intenções de voto, optou por sair candidato pelo Partido Social Liberal. No lançamento de sua candidatura, prometeu mudança, romper com o centrão e com os corruptos.

A pesquisa *Datafolha* de 22 de agosto de 2018 foi feita considerando os dois cenários do PT: com Lula, ou Haddad. O primeiro, que estava preso em Curitiba, apareceu com 39% das intenções de voto, contra 19% de Bolsonaro. O segundo, por sua vez, tinha 4%, contra 22% de Bolsonaro. Após a oficialização da mudança, o cenário das pesquisas mudou, e Haddad cresceu, mas não apareceu, em nenhuma ocasião, à frente do candidato do PSL.

A campanha de primeiro turno foi atípica. O já candidato Fernando Haddad iniciava os debates desejando boa noite a seu padrinho político e tentou se associar a ele para crescer rapidamente a garantir a seu partido a participação no 2º turno. Após ser vítima de uma facada durante um comício em Juiz de Fora, Minas Gerais, Bolsonaro deixou de viajar e ir aos debates. O atentado fortaleceu a narrativa de que o sistema estava tentando impedir o candidato do PSL de vencer as eleições.

Em um fenômeno até então inédito no Brasil, ainda que ensaiado em outras campanhas, criou-se uma máquina de mensagens em massa nas redes bolsonaristas. Foram

disseminadas notícias falsas de alto impacto no eleitorado. Soma-se a isso uma retórica violenta, o apego a valores conservadores, a alta rejeição do PT e dos partidos tradicionais e tem-se a fórmula de campanha que elegeu um novo presidente no Brasil. O alto número de votos recebidos por Bolsonaro no primeiro turno, 46,23% contra 28,99% de Fernando Haddad, indicou que o 2º turno seria mera formalidade. Para tentar recuperar terreno, a campanha petista passou por rápida transformação. O vermelho foi substituído pelo verde e amarelo, Lula passou a aparecer menos na campanha e foi feita maior associação de Bolsonaro ao governo Temer, que terminava com a pior aprovação na história.

Mesmo com a mudança, não engrenou como esperavam seus articuladores. Dos outros candidatos à presidência, apenas Boulos declarou apoio imediato a Haddad. Marina concedeu “apoio crítico” e Ciro Gomes, ressentido por não ter sido chamado para suceder a Lula, não participou da campanha. O resultado foi a vitória de Jair Bolsonaro, com aproximadamente 55% dos votos, contra 45% de Haddad.

Apenas quatro dias após a vitória nas eleições, Jair Bolsonaro anunciou seu Ministro da Justiça. Sérgio Fernando Moro, juiz da *Lava-jato*, responsável por decretar a prisão do principal rival de Bolsonaro nas eleições, deixou seu posto de comandante da “República de Curitiba” para iniciar nova etapa de sua carreira. A nomeação sofreu críticas, e quem suspeitava de parcialidade nas decisões de Moro ganhou mais argumentos. Além de Moro, foram anunciados, de início, responsáveis por outras pastas. Uma união de militares, políticos ligados ao centrão e evangélicos conservadores foi escolhida para tocar o novo governo, além de Paulo Guedes, que ficou à frente do Ministério da Economia durante os quatro anos de Bolsonaro.

Nos primeiros 100 dias do novo governo, duas trocas de ministros. Gustavo Bebiano, Secretário Geral da Presidência e um dos principais articuladores de sua campanha, após acusações de mau uso do fundo eleitoral para candidaturas femininas, e Ricardo Vélez Rodríguez, então Ministro da educação após um primeiro trimestre recheado de confusões e recuos na pasta. Vélez começou sua gestão buscando autorizar a venda de livros didáticos com erros e propagandas e pedindo para as escolas gravarem seus alunos cantando o hino nacional. Essas e outras ações foram derrubadas, mas havia uma cisão interna entre a ala militar e a ala de discípulos do astrólogo Olavo de Carvalho, da qual Vélez fazia parte. Após sua queda, foi nomeado Abraham Weintraub, que deixaria o governo no ano seguinte, após atos de xenofobia contra a China e defesa da prisão de ministros do STF.

A tensão com a suprema corte, aliás, também teve início em 2019. Ainda em março daquele ano, o então presidente da Casa, Dias Toffoli, determinou a abertura de inquérito para

apurar disseminação de notícias falsas, ofensas e ameaças a ministros do Supremo. O relator escolhido para o inquérito foi Alexandre de Moraes, que se tornou, nos últimos anos, um dos grandes inimigos do bolsonarismo. Foi criada também a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News, com o intuito de investigar a propagação de informações falsas durante a campanha eleitoral de 2018. A tese de que figuras próximas ao presidente eleito, inclusive seus filhos, coordenavam uma rede de *fake news* dentro do Palácio do Planalto ganhou força quando ex-aliados de Bolsonaro depuseram a respeito do tema.

Apesar das tensões embrionárias, das declarações antidemocráticas e da dificuldade em consolidar base no Congresso, Bolsonaro levou seu primeiro ano de mandato sem grandes percalços. A aprovação do governo, ao fim de 2019, foi de 30%, a menor para um primeiro mandato desde Collor, mas sinalizou que dificilmente seria mais baixa que isso. O *modus operandi* nas redes sociais, o desprezo à imprensa tradicional e o discurso radicalizado mantiveram sua base mobilizada. Além disso, o mercado aprovou a gestão Paulo Guedes, mesmo com baixo crescimento do PIB, (1,1%). A expectativa era de melhoria nos indicadores em 2020, e manutenção da baixa inflação. Na política institucional, o então presidente terminou o ano sem partido, após desfiliação do PSL. Ele tentou fundar o próprio partido, *Aliança pelo Brasil*, mas não obteve as assinaturas necessárias.

Um capítulo importante de 2019 foi a chamada “Vaza-jato”. O site *The Intercept Brasil* obteve acesso a mensagens trocadas entre os principais nomes da Operação Lava-jato. Em uma série de reportagens, produzida por um *pool* de veículos de imprensa, foram expostos acordos entre os procuradores, especialmente Deltan Dallagnol e o então juiz Sérgio Moro. Ações coordenadas entre acusação e magistrado teriam ocorrido com objetivo de interferir no curso político brasileiro, angariar apoiadores e investigar de forma seletiva. Moro e Dallagnol teriam, segundo as reportagens, o objetivo de construir um braço político da Lava-jato, além de obter sucesso econômico em função dos feitos da operação. As mensagens foram objeto de perícia, se comprovaram verdadeiras e abalaram a credibilidade da “maior operação de combate à corrupção da história”.

As revelações da *Vaza-jato* deram força à defesa do ex-presidente Lula, àquela altura ainda encarcerado em Curitiba. Somada às reportagens, a decisão do STF de rediscutir o entendimento sobre a prisão após condenação em segunda instância deu aos apoiadores do petista a esperança de vê-lo em liberdade. No dia 7 de novembro, após voto de Dias Toffoli, o Supremo criou maioria para impedir a prisão sem trânsito em julgado. Um dia depois, Lula deixou a superintendência da PF e discursou para apoiadores. Chamou Bolsonaro de

mentiroso, disse que foi vítima de perseguição de uma parte podre do Estado e que voltaria à política.

Os acontecimentos do Brasil em 2020 e 2021 são difíceis de serem tratados separadamente. A pandemia do novo coronavírus esteve no centro das discussões científicas, políticas ou morais. A partir do primeiro caso, divulgado oficialmente no dia 25 de fevereiro, começaram os prognósticos taxativos sobre a covid-19, dos mais catastróficos aos mais negacionistas. Em março de 2020, as primeiras medidas de isolamento foram tomadas pelos governos estaduais. O então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, sinalizou apoio às medidas de precaução sanitária e estreitou laços com o governador de São Paulo, João Doria Jr., o que desagradou a Bolsonaro.

O presidente e seu entorno defendiam um rápido retorno das atividades paralisadas, em especial nas escolas, diziam que a contaminação seria inevitável e que a economia não poderia parar. A demissão de Mandetta veio em 16 de abril. Dias depois, ao ser perguntado se tinha um prognóstico de mortes por covid-19, Bolsonaro respondeu que não era coveiro nem médico. A fala foi uma entre tantas proferidas por Bolsonaro na tentativa de minimizar e desumanizar o efeito da pandemia.

Ainda em abril, o ministro Sérgio Moro deixou seu cargo e acusou o presidente de querer interferir nas investigações da Polícia Federal, em especial as que tinham como alvo seus filhos ou apoiadores. Já em maio, o Ministro Celso de Mello, do STF, divulgou o vídeo de uma reunião ministerial na qual Bolsonaro e seus ministros discutiram temas diversos, dentre eles o isolamento social, e, em tom exaltado, afirmaram que tinham que fazer algo para que não fosse estabelecida uma suposta ditadura. A divulgação foi feita após o então ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) divulgar uma nota dizendo que a apreensão do celular de Jair Bolsonaro, pedida por partidos da oposição e encaminhada por Celso de Mello à Procuradoria Geral da República (PGR), poderia ter consequências imprevisíveis, em mais um arroubo autoritário da cúpula do governo contra o Supremo.

Dias antes destes fatos, o ministro Nelson Teich, substituto de Mandetta, menos de um mês após sua nomeação, pediu demissão. O motivo foi a pressão feita por Bolsonaro para que ele flexibilizasse o protocolo de uso da cloroquina e ivermectina no combate aos sintomas da covid-19. Teich defendia que só poderia haver mudança após estudos científicos conclusivos. Naquele momento, os estudos feitos mostravam que não havia eficácia comprovada dessas medicações no tratamento da doença. Até a conclusão deste trabalho, o entendimento não mudou.

Fora dos muros dos órgãos oficiais de governo, os discursos pró e contra o isolamento dividiram a população. A discussão entre os que defendiam isolamento e os que defendiam abertura esquentou. Por meio de grupos de *WhatsApp* e *Telegram* repletos de informações falsas sobre o vírus, bolsonaristas organizaram protestos de rua, com a presença do presidente e ministros, contra uma suposta ditadura, encampada por governadores e pelo STF. Com gritos de “cloroquina” e “queremos trabalhar”, negacionistas defendiam que as medidas sanitárias faziam parte de um plano para impedir Bolsonaro de governar.

Em um ano de pandemia no Brasil, mais de 10 milhões de casos e 250 mil mortes. Àquele ponto, em fevereiro de 2021, os primeiros grupos de pessoas receberam as primeiras doses de vacina, muitas delas obtidas por esforços dos governos estaduais e de organizações da sociedade civil, em diálogo com outros países e entidades internacionais. O governo brasileiro ignorou as primeiras ofertas de vacina, feitas em maio de 2020. Quando comprou as doses, em março de 2021, pagou mais caro. Um estudo publicado em maio do mesmo ano apontou que mais de 90 mil vidas poderiam ter sido salvas.

Em 2021, foi realizada a CPI da pandemia, a qual teve por objetivo apurar possíveis infrações na condução do combate à covid-19 pelo governo de Jair Bolsonaro. Foram ouvidos ministros de Estado, parlamentares, médicos, sanitaristas, cientistas e executivos de empresas de vacinas, com o objetivo de entender se houve corrupção na compra dos imunizantes, e compreender os danos causados por ações negacionistas do governo. O relatório final, do Senador Renan Calheiros (MDB/AL) recomendou o indiciamento de 66 pessoas físicas e duas jurídicas. Dentre os possíveis indiciados, estavam os ex-ministros da saúde Eduardo Pazuello, Marcelo Queiroga e o então presidente Jair Bolsonaro, devendo o último ser indiciado pelos seguintes crimes: prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo) e crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos). As investigações contra Bolsonaro foram arquivadas em março de 2023 pelo STF.

A anulação das ações contra Lula na operação da Lava-jato pelo STF tornou o então ex-presidente apto a participar das eleições de 2022. A evolução das pesquisas de intenção de voto mostrava Lula com ampla vantagem sobre Bolsonaro, e chances de vitória do petista no primeiro turno. No entanto, o Planalto, em articulação com seus apoiadores no Congresso, se movimentou, aumentou o valor de programas sociais e fomentou a realização de ações

governamentais em todo o país, especialmente no Nordeste, onde Bolsonaro tinha maior desvantagem.

O uso do Estado em prol do presidente, somado à antiga tática de difusão de informações falsas teve resultado, e o 1º turno das eleições terminou com resultado apertado: 48,43% dos votos para Lula e 43,20% para Bolsonaro. O candidato do Partido Liberal (PL), em viés de alta, aumentou a força de sua campanha, enquanto a equipe do PT trabalhou para que o ganho de votos do adversário não fosse suficiente. No dia da votação do 2º turno, a Polícia Rodoviária Federal realizou operações nas estradas, a maioria do nordeste, e chegou a impedir eleitores de votarem. A situação levou os apoiadores de Lula a pedirem a dilação do prazo de encerramento do pleito. Alexandre de Moraes, ministro do STF e então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarou que o cronograma estava mantido e ordenou o encerramento das operações, sob pena de prisão do então comandante da PRF.

O início da apuração mostrou vantagem de Jair Bolsonaro. No entanto, Luiz Inácio Lula da Silva virou o pleito e foi eleito, pela terceira vez, Presidente da República. O resultado foi o mais apertado da história democrática: 50,9% dos votos para o petista, e 49,1% para o representante da extrema-direita. Os apoiadores do candidato derrotado passaram a questionar a lisura do processo eleitoral e criaram acampamentos em frente a quartéis de todo o país para pedir intervenção militar com Bolsonaro mantido no poder. Logo após as eleições, caminhoneiros bolsonaristas bloquearam estradas ao redor do país, partindo das mesmas reivindicações. Em mais um ato do Min. Alexandre de Moraes, o STF determinou o desbloqueio imediato das vias e multa de 100 mil reais por hora para os donos dos caminhões.

Nesse contexto de ameaça, Lula escolheu seus ministros e iniciou a transição, mediada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Consegiu aprovar aumento nas diretrizes orçamentárias previstas para 2023, acima do teto imposto pela Emenda Constitucional 55 e garantir a retomada de alguns programas sociais já no início do governo. Na posse, prometeu governar para todos os brasileiros, sob a bandeira da união e reconstrução. Subiu a rampa do planalto ao lado de representantes de minorias sociais e recebeu a faixa das mãos de uma mulher negra, catadora de recicláveis.

No entanto, o domingo seguinte à posse mostrou que o Lula 3 não seria mar de águas calmas. Manifestantes bolsonaristas em Brasília invadiram a praça dos três poderes e depredaram o Planalto, o STF e o Congresso Nacional. Com discurso antidemocrático, defendiam a derrubada do poder vigente e o estabelecimento de um governo militar, com a presença de Jair Bolsonaro, que fora para os EUA após as eleições. O ato terrorista foi contido, e os manifestantes retornaram à porta do quartel do exército na Capital Federal. O

Governo Federal decretou Intervenção Federal no Distrito Federal, e o STF determinou o imediato afastamento do governador Ibaneis Rocha e a prisão dos manifestantes. No dia seguinte, pela manhã, dezenas de ônibus levaram mais de 2 mil manifestantes para o Complexo Penitenciário da Papuda.

A tentativa de golpe fortaleceu a relação de Lula com os Ministros do STF e com o presidente do Senado, além de diminuir, inicialmente, as possibilidades de atrito com o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL). Isso deu tranquilidade ao governo para retomar programas sociais, reajustar o salário-mínimo acima da inflação, aumentar a faixa de isenção do Imposto de Renda e revogar decretos armamentistas de Bolsonaro. Além disso, fez viagens internacionais para buscar financiamento para as políticas de proteção ao meio ambiente. Assim como seu antecessor, o petista teve, e tem, dificuldade de consolidar base no Congresso. Isto porque, além das exigências do centrão, enfrenta forte oposição, uma vez que os principais nomes do governo Bolsonaro foram eleitos parlamentares.

A aprovação do novo mandatário foi estável, e se manteve entre 35% e 40% no primeiro semestre. Em pesquisa publicada pelo Datafolha em 19 de junho de 2023, último dia do recorte deste trabalho, 37% dos brasileiros viam o governo Lula como bom ou ótimo, 33% como regular e 27% como ruim ou péssimo, além de 3% de não respondentes.

## 1.2. Os passos dessa estrada

No ano de 1978, a rede *Globo* de televisão apresentou reportagem no *Fantástico* com os resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) sobre as preferências musicais do brasileiro. Roberto Carlos foi o vencedor em todas as perguntas. No entanto, o artista que mais figurou no pódio depois do rei foi Chico Buarque de Hollanda, o terceiro mais votado pelo público quando questionado a respeito do cantor que mais gostaria de ver em um show, do cantor ou conjunto que mais comprava disco e, por fim, do melhor cantor brasileiro.

Àquela altura, com 34 anos, Francisco Buarque de Hollanda deixara, faz tempo, de ser o filho do sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda e da intelectual e ativista política Maria Amélia Alvim Buarque de Hollanda. Aos 14 anos de carreira, com 12 álbuns e 9 compactos, além de três peças de sua autoria, outras três com músicas suas e canções escritas para cinco filmes, Chico já era marido da atriz Marieta Severo e pai de Silvia, Helena e Luísa. Tinha, também, no currículo, graduação incompleta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de São Paulo (FAU USP), e algumas detenções, sendo a primeira por furtar, com amigos, um carro em São Paulo.

As seguintes foram durante a ditadura militar, que censurou sua obra pela primeira vez em 1966 e passou a enxergá-lo como inimigo após a encenação da peça “Roda-viva”, de sua autoria. Apresentações foram invadidas pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC), organização paramilitar a serviço do governo, atores e atrizes foram agredidos, e o autor foi detido em dezembro de 1968, dias após a publicação do Ato Institucional nº 5, o qual fechou o cerco aos opositores do regime vigente. No mês seguinte, primeiro do novo ano, foi com a família para a Itália, onde ficou por um ano e dois meses, quando retornou para lançar “Chico Buarque de Hollanda nº 4”.

No mesmo ano, sai o compacto simples que incluía, em um dos lados, “Apesar de Você”. O lançamento vende 100 mil cópias e sofre censura. A partir daí, Chico teve inúmeros problemas com o controle de conteúdo realizado pela ditadura. A peça *Calabar*, que escreveu com Ruy Guerra em 1973, foi censurada em conjunto com sua trilha sonora, lançada sob o nome “Chico canta”, com inúmeras faixas sem letra. No mesmo ano, teve seu microfone desligado ao interpretar “Cálice”, em conjunto com o coautor da música, Gilberto Gil, em festival promovido por sua própria gravadora.

No ano seguinte, lançou “Sinal Fechado”, álbum homônimo à canção de Paulinho da Viola, de 1969, e sua última faixa. Para contornar a censura, o disco foi composto, em sua maioria, por músicas de outros artistas. A contribuição de Chico está em alterações feitas à faixa “Ligia” de Antonio Carlos Jobim, e na composição de “Acorda Amor”, atribuída ao autor Julinho da Adelaide, pseudônimo de Chico Buarque. Em 1975, após turnê com Maria Bethânia, se afasta dos palcos, apenas comparecendo a eventos pontuais, como comícios, e assim fica por nove anos. Com a abertura política, suas obras proibidas foram liberadas e canções como “Cálice” e “Apesar de você” se tornaram símbolo da resistência à ditadura.

Nos anos 1980, boa tarde de sua obra foi dedicada à tela e aos palcos. Foram apenas três discos de inéditas não relacionados a peças de teatro ou filmes: “Vida” de 1980, “Francisco”, de 1987 e “Chico Buarque”, de 1989. Mesmo nestes, houve faixas advindas de produções teatrais. Suas composições para os espetáculos de balé “O Grande Circo Místico”, de 1982 e “Dança da meia-lua”, de 1987, além das feitas para a peça “O Corsário do Rei”, 1985, e para o filme “A Ópera do Malandro”, do mesmo ano e adaptação da peça de sua autoria, foram lançadas em disco. Termina o período com a trilha sonora da peça “Suburbano Coração” (1989) e fazendo o personagem Julinho da Adelaide no filme “Amor vagabundo”,

de seu amigo Hugo Carvana, responsável por apresentá-lo a Marieta, sua esposa, 11 anos antes.

O Chico romancista aparece nos anos 1990. Em 1991, publica “Estorvo”, e em 1995, “Benjamim”. Entre os romances, o álbum “Paratodos”, de 1993, sai com inéditas e regravações. Dois anos após “Benjamim”, gravou canções para o especial “Terra”, lançado com livro de fotos do fotógrafo Sebastião Salgado e texto do escritor português José Saramago, além de suas contribuições. No mesmo ano, 1997, foi escolhido como homenageado da Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 1998. O enredo “Chico Buarque da Mangueira” levou a escola verde e rosa ao título do carnaval carioca. Quebra o hiato de cinco anos sem álbuns próprios com “As cidades” (1998). A turnê do novo álbum ocorreu durante o ano de 1999 e gerou DVD lançado em 2000. No encerramento do milênio, Chico vê o filme “Estorvo”, adaptação, feita por Ruy Guerra, de seu romance de estreia, concorrer à Palma de Ouro no Festival de Cannes, na França.

Os anos 2000, em que chegou aos 60, são os menos movimentados de sua carreira artística. São dois álbuns, “Cambaio”, parceria com Edu Lobo para a peça de João e Adriana Falcão, de 2001, e “Carioca”, lançado em 2006. A turnê “Carioca ao vivo” foi registrada e lançada em DVD. Na literatura, “Budapeste” dá ao escritor o Prêmio Jabuti de melhor livro do ano de 2003, e “Leite Derramado”, de 2009, foi sua última produção inédita na primeira década do século XXI.

Os anos 2010, além de contarem com seis dos 10 anos em que se insere a análise deste trabalho, teve 6 lançamentos entre música e literatura. Os álbuns “Chico”, de 2011 e “Caravanas” de 2017, geraram turnês gravadas ao vivo e transformadas nos discos “Na Carreira” (2012) e “Caravanas ao vivo” (2018). Os romances “O Irmão Alemão” e “Essa gente”, ambos bem vendidos, são fruto de momentos diferentes da carreira de seu autor, como será visto mais à frente.

Na década em que completa 80 anos, Chico Buarque de Hollanda lançou, até o momento, seu primeiro livro de contos, “Anos de chumbo” (2021) e o single “Que tal um samba?” (2022). O último motivou sua última turnê, ao lado da cantora Mônica Salmaso, cuja gravação foi lançada em disco sob o nome “Que Tal Um Samba? Ao Vivo”, de 2023. Chico não anunciou, até o momento da conclusão deste trabalho, sua aposentadoria dos palcos, estúdios e páginas. E deve ter mais contribuições a dar para nossa arte.

A produção artística de Chico protagonizou páginas importantes de nossa história ao longo dos últimos 60 anos, e seria suficiente para alcá-lo ao patamar de grande músico e poeta popular, escolhido o terceiro maior artista da música brasileira pela versão nacional da revista

estadunidense *Rolling Stone*, em 2008. Ocorre que, responsável por essa vasta produção musical, teatral e literária, é também figura marcante de alguns dos momentos mais importantes da história pública brasileira nos séculos XX e XXI.

Desde que musicou para o palco o texto de “Morte e Vida Severina”, o qual João Cabral de Melo Neto trata da seca no sertão nordestino na primeira metade do século XX, Chico Buarque se colocou, artística e pessoalmente, como alguém de esquerda ou, de forma mais ampla, progressista. Nas duas décadas de ditadura militar, além de ter sido detido, censurado e exilado, participou de mobilizações de resistência democrática desde o primeiro momento, até o efetivo atingimento da democracia. Esteve na passeata dos 100 mil, em 1968, e na campanha pelo retorno de eleições presenciais diretas, entre 1983 e 1984. A canção “Vai passar”, com clima carnavalesco e anunciando o fim de uma página infeliz da história do Brasil, foi considerada um dos hinos das diretas, e ganhou uma versão, cantada pelo próprio Chico, com o título “Vai Ganhar”, a qual serviu de *jingle* para a campanha de Fernando Henrique Cardoso à prefeitura de São Paulo, nas eleições de 1985

Apesar do apoio ao então amigo e candidato do PSDB ao comando da capital paulista, foi ao Partido dos Trabalhadores e a Luiz Inácio Lula da Silva que o artista carioca ficou mais associado em sua vida política. Participou, entre o fim dos anos 1970 e 1980, dos comícios organizados pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, então presidido por Lula, e compôs a canção “Linha de Montagem”, em 1980, para documentário sobre as greves do ABC. Passou a votar em candidatos do PT à presidência a partir das eleições de 1989 e manteve o apoio em todas as eleições seguintes. Durante os dois primeiros governos Lula, Chico criticou o partido do presidente, em especial após o escândalo do mensalão, mas também apontou que via o PT como única opção possível para governar o país.

Com a crise política iniciada em junho de 2013 e agravada após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, Chico Buarque ganhou protagonismo no noticiário político. Sob acusações de que se beneficiava de dinheiro público para apoiar o PT e de que não poderia falar da política brasileira por ter residência em Paris, sofreu ataques nas redes sociais e nas ruas. O efeito desses episódios foi o aumento da presença de Chico em atos públicos, além da abertura de processos judiciais contra seus detratores. Em 2016, esteve ao lado de Lula na sessão do Senado que aprovou o *impeachment* de Dilma. Nas eleições municipais daquele ano, esteve ao lado, em sua cidade natal, de Marcelo Freixo, do PSOL, a quem já tinha apoiado em 2012. Os shows de sua turnê “Caravanas”, em 2017 e 2018, ficaram marcados por protestos contra o então presidente Michel Temer e a prisão de Lula, todos endossados pelo

artista. Já a turnê “Que tal um samba?”, iniciada no crepúsculo do governo Jair Bolsonaro, foi da indignação com o então mandatário, à celebração da vitória e posse de Lula.

## CAPÍTULO 2 - JORNALISMO E TEORIAS DA NOTÍCIA

A música “Notícia de jornal”, de Haroldo Barbosa e Luiz Reis, interpretada por Chico Buarque no álbum “Chico Buarque & Maria Bethânia” de 1975, narra a história de Joana, mulher pobre, moradora de um humilde barracão, seus dramas e seus erros. Na última estrofe, é dito que a personagem errou na dose, errou no amor e errou até de João. Mas ninguém notou sua dor e seu mal, porque “a dor da gente não sai no jornal”.

É possível que a canção, gravada 50 anos atrás, tenha lá sua razão, e a dor da gente, em primeira ou terceira pessoa, não seja notícia. Em especial das “Joanas de tal” espalhadas por aí. Não é absurdo dizer que há dores, amores, erros e acertos que não cabem nas páginas dos jornais, na tela da televisão, ou nas ondas de rádio. E que a prerrogativa de definir o que é digno e passível de alcançar esse holofote deu aos jornalistas, editores e veículos de imprensa um poder, em alguns momentos, enorme sobre a formação de opinião, consenso e padrões socioculturais da população consumidora (e esta palavra carrega múltiplos significados) do fazer jornalístico.

No livro “Teorias da notícia e do jornalismo”, alicerce teórico deste trabalho, o professor português Jorge Pedro Sousa busca, através de teóricos e teorias da notícia predecessores a ele, construir um paradigma explicativo do que se pode chamar de noticiabilidade. Por meio do teórico Mauro Wolf, Sousa define este conceito, genericamente, como “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 1987, apud SOUSA, 2002, página 94). Nelson Traquina (2005), por sua vez, define estes elementos como “valores-notícia”, os quais, segundo ele, são partilhados entre a “tribo jornalística” e determinam se determinado assunto ou acontecimento é merecedor de ser transformado em matéria jornalística.

Este merecimento, ao longo dos anos, de alcançar o panteão dos fatos noticiáveis, seguiu alguns padrões. Na Inglaterra do século XVII, quando as notícias eram dadas pelas chamadas “folhas volantes”, o foco principal estava no que Traquina define como “insólito”,

isto é, em fatos extraordinários, lúdicos e mágicos. Um fenômeno astronômico era distribuído como presságio apocalíptico e o julgamento de “feiticeiras” gerava reações de ódio e satisfação na população. Havia, já, o interesse na vida da elite, em especial da realeza, séculos antes da série “The Crown” existir, e este norteou os primeiros jornais de países absolutistas, como França e Portugal.

Entre o fim do século XVIII e início do XIX, época das principais revoluções burguesas e criação de Estados “modernos”, a noticiabilidade carregava o peso do teor político das publicações e tinha como centro as ideias e reivindicações que interessavam ao grupo ou classe relacionada a cada jornal. Em resposta a esse predomínio da política, surgiram jornais de linguagem mais simples, com viés humorístico e sensacionalista, e focados em histórias inusitadas e surpreendentes do dia a dia das novas cidades, em especial dos Estados Unidos, além de episódios envolvendo figuras proeminentes. A chamada *penny press* substituiu as longas análises econômicas por histórias curtas e atrativas, com o objetivo de chegar a camadas mais pobres.

No século XX, com as grandes guerras, as políticas de expansão cultural das grandes potências econômicas, em especial EUA e União Soviética, após o fim da 2ª Guerra Mundial, ampliaram um fazer jornalístico voltado aos grandes acontecimentos e grandes personagens. O aumento do nível de profissionalização e da cultura empresarial dos veículos, somado à maior facilidade do envio de informações criou um ecossistema de correspondentes *in loco* e imensas coberturas de grandes eventos. Paralelamente, se manteve o nicho de cobertura do “insólito” ou inusitado, e os jornais “pinga-sangue” ganharam irmãos no rádio e na televisão, os quais trouxeram os dragões e bruxas do século XVII de outras maneiras.

Esta semelhança entre períodos distintos pode ser entendida, segundo Traquina, pela identificação dos valores notícia, os quais não necessariamente possuem hierarquia fixa ou aparecem de forma cumulativa, mas perduram ao longo do tempo, na definição de o que deve ou não deve ser publicado. Há os valores de seleção que dizem respeito ao acontecimento, como morte, notoriedade (do ator principal do fato), proximidade geográfica ou cultural, relevância/impacto cotidiano, novidade, tempo, notabilidade/tangibilidade, inesperado, infração, conflito, escândalo,

Há, também, valores de seleção que dizem respeito ao contexto da produção jornalística. O equilíbrio (entre um assunto e outro), disponibilidade/facilidade de cobertura, a presença de elementos visuais, a concorrência, e o “dia noticioso”, isto é, a quantidade de acontecimentos noticiáveis em um dia, são valores notícia deste grupo. Por fim, Traquina apresenta os chamados valores de construção, os quais dizem respeito a minúcias do

acontecimento. Simplificação (pouca ambiguidade), amplificação, personalização, dramatização e consonância (inserção em uma narrativa consolidada) podem ser levadas em consideração para construir o entendimento do que é notícia. Essa longa lista de valores, formulados por diversos teóricos da notícia e compilados por Nelson Traquina, é capaz de trazer bom entendimento a respeito das mais diversas matérias jornalísticas, desde as que preenchem a cartela de valores até as que se justificam por alguns deles.

Em um caso hipotético, uma matéria sobre uma releitura de cuscuz paulista feita por um restaurante no centro de São Paulo, publicada na edição de domingo da Folha de S. Paulo, em tempos de democracia, denota um dia noticioso pouco movimentado, traz proximidade (receita típica do estado em que é feito o jornal) e é de considerável facilidade para o repórter de plantão, que pode fazer a matéria com recursos remotos e, se precisar, pode ir em pouco tempo ao restaurante em questão. Já a votação da abertura do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, da forma como foi, inserida em um contexto político que se arrastou por, pelo menos, três anos, preenche, por tantos ângulos, tantos critérios de noticiabilidade que é capaz de sustentar mais de 50% da edição de segunda-feira da mesma Folha.

Os valores listados por Traquina são muitos, específicos, e ajudam a obter uma interpretação do conceito de noticiabilidade. Entretanto, é importante dar um passo atrás, e buscar uma conceituação mais generalista da noticiabilidade, algo que atribua categorias mais amplas aos elementos tangíveis e intangíveis de construção da notícia. A notoriedade dos personagens de um acontecimento é um valor notícia citado por quase todos os teóricos. Mas é importante tentar compreender como é construída a ideia de quem é ou não é notório, isto é, que fatores constroem a notoriedade de algum personagem dentro de seu tempo histórico. E isso vale para a elaboração do significado de todos os valores-notícia. Nesse sentido, cabe retomar o professor Jorge Pedro de Sousa.

A começar pela categorização dos tipos de acontecimentos, apresentada por ele. Os acontecimentos “verdadeiros” são, em linhas gerais, os imprevistos. Desastres naturais, acidentes, crimes. O inesperado, ou “insólito”, não é precedido por mediação de quem produz a notícia, ou de seus objetos. Por isso despertam interesse desde a gênese do jornalismo. Há também os pseudo-acontecimentos, isto é, aqueles que são pré-fabricados para serem notícia. As entrevistas coletivas são um bom exemplo. Sousa apresenta, ainda, o conceito, desenvolvido por Jack Katz, de “acontecimentos mediáticos”. São aqueles programados para se tornarem notícia, mas que ocorreriam mesmo sem a presença dos meios de comunicação. A sanção de uma lei, por exemplo, acontece como parte integrante do processo legislativo. A

cerimônia de celebração de uma sanção pode dar ao ato um caráter midiático. A turnê de um artista nada mais é do que seu trabalho, e acontece independentemente da presença da imprensa. Mas pode ser pensada para virar notícia.

Neste cenário, pode haver exceções. Ocorrências que extrapolam ou misturam os tipos de acontecimento supracitados. A Guerra do Golfo, no início dos anos 1990, é um exemplo apresentado pelo autor. E talvez a descrição se encaixe em outros conflitos bélicos, uma vez que estes são planejados para acontecer e, consequentemente virar notícia. Há, inclusive, mecanismos de proteção do trabalho jornalístico durante as guerras, de modo a garantir a documentação da história presente. Pode-se dizer que existe um caráter de pseudo-acontecimento no *modus operandi* da guerra. Entretanto, o caráter de imprevisibilidade das operações armadas não pode ser afastado. A surpresa faz parte da estratégia, e o erro faz parte da ação. Ou seja, existem acontecimentos “reais”, ou imprevisíveis em situações como essa. O próprio horror, o qual não se consegue dimensionar previamente, é um acontecimento.

A maneira com a qual estas categorias de acontecimento se relacionam com os meios de comunicação e os jornalistas é curiosa. O acontecimento real, imprevisto, se impõe sobre os produtores de notícia. Se utilizando dos valores-notícia de Traquina, esta imposição pode ser explicada por fatores como a notoriedade, o inesperado, o escândalo e a relevância, por exemplo. Os acontecimentos previsíveis, por sua vez, são impostos aos “*media*”, na definição utilizada por Jorge Pedro Sousa. O agendamento de uma coletiva de imprensa, especialmente de um personagem notório, ou relevante, é uma imposição externa à agenda da imprensa. Internamente pode haver, também, este tipo de imposição, como nos casos em que um veículo retroalimenta histórias, antigas, por vezes apoiado em efemérides.

Uma vez ocorridos, estes tipos de acontecimentos, ao se imporem ou serem impostos sobre os meios de comunicação, viram notícia. Para o professor Jorge Pedro Sousa:

As notícias são um artefato construído pela interação de várias forças, que podemos situar ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história (SOUZA, 2002, página 17).

Estas forças são determinantes para indicar a quais “ocorrências, ideias e temáticas” será conferida notoriedade. Sousa pondera que há, além da notoriedade, há a atribuição de significado, mas esta depende, além das forças supracitadas, das mediações e variáveis sociais de quem consome a mensagem.

## 2.1 O Modelo de Jornalismo Ocidental e seus limites

Antes de aprofundar as forças conformadoras da notícia, cabe ponderar o objeto de análise utilizado para atingir estas definições. Falar em “jornalismo” como uma coisa singular e homogênea é, decerto, um equívoco. Existem “jornalismos”, os quais são produtos de seu tempo histórico, de sua localização geográfica, dos atores sociais e características culturais que os cercam. A organização da imprensa cubana é diferente da estadunidense, que por sua vez carrega singularidades em relação à britânica, comparando apenas países do ocidente.

Os conceitos trazidos até aqui dizem respeito ao “Modelo Ocidental de Jornalismo” (SOUZA, 2002, página 33). Em tese, o modelo em questão se caracteriza pela liberdade de imprensa, pela independência em relação ao Estado, e por ser fomentador de amplos debates, ao trazer à luz diferentes correntes de opinião. O pesquisador William A. Hachten apresenta elementos que, segundo ele, estão presentes em países que possuem imprensa “livre”: leis de proteção às liberdades individuais, elevados níveis econômicos e educacionais, sistemas de governo baseados em democracias constitucionais ou com oposição política legítima, mercado publicitário capaz de gerar receitas aos meios de comunicação e, por fim, tradição de jornalismo independente.

A realidade, entretanto, se mostra de forma diversa da idealizada pela definição de Modelo Ocidental de Jornalismo. O que se vê, em boa parte dos Estados democráticos do ocidente, do ponto de vista crítico, é um sistema informational com outros tipos de limitações, imposições e censuras veladas. Isto porque, em boa parte destes países, o jornalismo é produto fabricado por grandes empresas privadas, muitas delas dependentes financeiramente de propaganda, o que pode gerar, e gera, indiretamente, um cenário de subordinação do conteúdo a quem garante o funcionamento econômico destas organizações.

Na tentativa de diagnosticar o que leva o modelo ocidental, especialmente o estadunidense, a um “Modelo de Propaganda”, Sousa recorre a Chomsky e Herman (1988), os quais apontam alguns elementos centrais. Primeiramente a concentração da propriedade e a orientação para o lucro de empresas jornalísticas, responsável por dificultar o fomento de veículos alternativos e inserir os jornalistas em uma situação de dependência dos poucos grupos que detêm os muitos meios de comunicação. Em seguida, a publicidade como fonte primordial de renda. Não faz sentido renunciar à venda de espaços em jornais para

propaganda, mas o predomínio deste tipo de receita pode gerar distorções e limitações ao fazer jornalístico.

Pode-se apontar, também, a excessiva confiança nas informações dadas por figuras detentoras do poder, público ou privado, como um problema. A cobertura da Lava-jato pela imprensa brasileira é um exemplo pertinente. Do ponto de vista crítico, pode-se dizer que os principais veículos jornalísticos do país adotaram o *modus operandi* de reportar a operação seguindo o que era repassado pela própria força-tarefa. A forma como os acontecimentos, boa parte pseudo-acontecimentos ou acontecimentos midiáticos, foram publicados, contribuiu para um cenário de inquestionabilidade do ex-juiz Sérgio Moro e sua equipe, e pouco espaço para fontes críticas e dissonantes da “República de Curitiba”. A divulgação das conversas da Vaza-jato, e a posterior adesão de Moro e Deltan Dallagnol à política institucional, desvelam os equívocos cometidos pela imprensa ao cumprir papel de assessora da operação.

A influência excessiva da audiência nas publicações também pode ser vista como fator negativo do modelo ocidental de jornalismo. Chomsky, Herman e Jorge Pedro Sousa formularam a respeito do tema quando ainda não tínhamos o domínio das mídias digitais que se apresenta hoje. Ainda assim, mais de uma década atrás, já alertavam para o fato de que as métricas de audiência e crítica eram responsáveis por inibir a abordagem de determinados temas. Por fim, os autores também tratam do anticomunismo como mecanismo de controle e consequente rejeição de veículos de imprensa que apresentem agenda positiva em relação ao comunismo. A descrição do modelo e suas falhas apresentam ferramentas que irão contribuir para a compreensão da sistematização dos níveis de influência de determinados fatores sobre a notícia, apresentada por Jorge Pedro Sousa.

## 2.2 Forças conformadoras da notícia e seus níveis de influência

Para chegar à sua definição do que influencia a notícia, Sousa parte das elaborações de Michael Schudson, Pamela Shoemaker e Stephen Reese, pesquisadores e professores de teoria da comunicação, os quais dedicaram parte de sua produção acadêmica a compreender a produção da notícia, e quais são os principais fatores de mediação desta construção, responsáveis por determinar quais acontecimentos irão cativar os *gatekeepers* e atravessar o portão da noticiabilidade.

O primeiro definiu três forças principais, as quais interligadas e “interatuantes” (SOUZA, 2002, página 14) são capazes de explicar as notícias: ação pessoal, ação social e ação cultural. A ação pessoal, para Schudson, diz respeito às pessoas e suas intenções,

essencialmente aos jornalistas (em cargos de chefia ou não) e às fontes, levando em conta suas respectivas condutas e avaliações pessoais. Já a ação social diz respeito às organizações, isto é, os meios de comunicação, e a influência de seu mecanismo no produto atingido. Por fim, há a ação cultural, a qual perpassa as duas anteriores, uma vez que, na visão “Schudsoniana”, as notícias, produto da ação social e cultural, se apoiam, ainda que de forma involuntária, em padrões culturais.

Shoemaker e Reese, apresentam, em complemento à noção apresentada, uma dimensão ativa da ação cultural. Para eles, os meios de comunicação não só se baseiam em elementos recorrentes da cultura, como também são atores na criação ou consolidação destes símbolos: “Para os autores, se a cultura muda, se se adapta e evolui, os conteúdos mediáticos podem funcionar quer como catalisadores, quer como trovões da mudança” (SOUSA, 2002, página 39). No que diz respeito à sistematização dos níveis de influência sobre a notícia, a dupla traz cinco principais: nível individual, semelhante à ação individual por Schudson, nível das rotinas produtivas, nível organizacional, nível externo às organizações e nível ideológico.

Jorge Pedro Sousa condensa as classificações apresentadas pelos autores supracitados em seis níveis de influência: ação pessoal, ação social, ação cultural, ação ideológica, ação do meio físico e tecnológico e ação histórica. Esta última pode ser entendida como um tabuleiro, onde as outras cinco forças se posicionam, interagem entre si e com as especificidades do momento histórico e constroem, em conjunto, com maior ou menor peso, as notícias de cada período. A seguir, cada uma destas ações, bem como elementos a elas subsidiários, em especial os apontados por Schudson, Shoemaker e Reese serão apresentados.

A começar pela ação pessoal, a qual possui dimensões diversas de análise. Partindo do pressuposto de que o fazer jornalístico é, ainda, uma ação humana e, em parte ou no todo, a depender do cenário, também individual, é lógico pensar que cada processo dentro do ecossistema da produção de notícias tem a impressão digital de quem dele participa. As primeiras tentativas de analisar o caráter individual do jornalismo foram importantes para demolir alguns tijolos da chamada “teoria do espelho”. Isto porque, se o relato de um acontecimento é produzido por um indivíduo, com seus valores éticos, políticos e morais, suas crenças, e sua interpretação do mundo, não é possível definir tal relato como mera demonstração da realidade.

Repórteres, editores, chefes de redação, diretores de jornais, e quaisquer outros que façam parte de uma organização jornalística carregam consigo suas experiências pregressas, convicções e eventuais traumas. Não se pode ignorar tais elementos ao analisar a produção noticiosa, a começar pela escolha primordial do que publicar. Os responsáveis pelo

*gatekeeping* tomam suas decisões baseados em elementos externos, poderes concretos e abstratos e interações com os outros e com o meio. No entanto, a escolha do objeto de uma notícia é, também e, em muitos casos, primeiramente, fruto da ação individual.

É possível pensar, de forma alegórica, que definir o que é ou não notícia é decupar a realidade. Uma entrevista de duas horas de duração, para se tornar uma matéria de 1500 caracteres, precisa ser recortada. Além da própria limitação de espaço, há outros elementos, concernentes à fonte entrevistada, ao tema da entrevista, aos objetivos de quem solicitou a entrevista, e, dentre outras coisas, aos padrões e normas da organização jornalística na qual será publicada, que justificam a forma do recorte. No entanto, o ato da decupagem, a redação da matéria e a escolha de manchete e linha fina, por exemplo, carregam as impressões do responsável por eles, ou responsáveis, a depender da divisão do trabalho.

A quantidade de pessoas envolvidas e determinados padrões no processo de produção da notícia também influencia a individualidade. Um repórter pode desenhar e apurar sua pauta pensando em como seu editor irá avaliá-la. Um fotojornalista pode escolher o ângulo de disparo baseado no padrão do veículo para qual irá a fotografia. Estes mecanismos de autocensura ou, em muitos casos, autocuidado podem ser eficazes ou não, uma vez que a resposta do editor à matéria ou à foto pode ser diferente da esperada, já que a ação individual deste pode se sobrepujar à padrões ou modificar sua visão do que é ou não passível de publicação.

Por fim, a autoimagem também influencia na ação pessoal. A visão, baseada em elementos concretos e abstratos, já citados aqui, que os jornalistas têm de si, no âmbito pessoal ou profissional, é um elemento presente na tomada de decisão. Pensando em uma situação simplista, um indivíduo que se enxerga como especializado em música, ao receber a incumbência de cobrir um jogo de futebol, certamente tomará decisões diferentes daquele que se considera especializado em esporte.

De forma resumida, “as notícias possuem sempre a marca da ação pessoal de quem as produz, embora temperada por outras forças conformadoras” (SOUZA, 2002, página 45). Um destes temperos, composto por diversas destas forças conformadoras, que pode ser interpretado como algo que se sobrepõe à ação individual, inclusive por ser, também, resultado da interação entre os indivíduos, suas concepções de mundo e escolhas, com diversas dinâmicas intra e extraorganizacionais, é o que se denomina ação social.

O impacto da ação social sobre a notícia tem origem nas tensões e distensões entre diversos mecanismos de pressão sobre o trabalho jornalístico. Há uma rede de constrangimentos sociais, de naturezas distintas, os quais, em conjunto, modelam a ação

pessoal. A primeira e, talvez, mais concreta, manifestação da ação social sobre a notícia é relativa às trocas que acontecem entre os jornalistas, dentro ou fora das organizações. O compartilhamento de suas experiências e visões de mundo, somado à proximidade gerada por estarem inseridos no mesmo contexto sócio-organizacional, e pertencerem à mesma classe, influencia no tipo de informação que escolhem publicar. Esta interação pode ter viés colaborativo, ou competitivo, sendo o segundo diretamente influenciado pela lógica ocidental empresarial, a qual tem o crescimento individual e a distorcida noção de meritocracia no centro.

Além do ecossistema de interações entre indivíduos, faz parte da ideia de ação social intraorganizacional, a relação dos trabalhadores da imprensa com a organização na qual estão inseridos. E aqui se entende a organização em sua completude, considerando seu nome, sua tradição jornalística, seu histórico político ideológico e, principalmente, neste caso, seus ditames em relação ao trabalho de seus empregados (ou *freelancers*, atualmente). Estas normas, muitas vezes tem mais de uma vertente. Os manuais de redação, a chefia e os eventuais posicionamentos políticos do veículo podem impor limites, ou caminhos, ao corpo de repórteres, no que diz respeito à forma e ao conteúdo da notícia. A demanda por volume de produção, o tamanho dos prazos e a busca por audiência, também.

Da maneira como se organiza o jornalismo ocidental atualmente, em especial os grandes veículos, há uma tendência à padronização da notícia. No cenário brasileiro, por exemplo, em que os grandes veículos impressos, com problemas econômicos, buscam ampliar a margem por meio do aumento de propaganda e corte de pessoal, a prática jornalística, de forma majoritária, se burocratiza. O mesmo repórter, em muitos casos, precisa entregar mais de uma matéria por dia, a qual possua valor-notícia, se encaixe nos parâmetros de viralização estabelecidos pelas *big techs* e possa garantir futuras suites.

Não surpreende que o *modus operandi* de produção de pauta seja padronizado. Retomando Nelson Traquina, se entende que nem todos os dias são bons dias noticiosos. Ao mesmo tempo, não é interessante publicar receita de cuscuz paulista sempre. Nesse cenário, em que nem sempre estão presentes acontecimentos “reais”, há uma recorrência constante aos pseudo-acontecimentos ou acontecimentos mediáticos. Os atores externos às organizações, como fontes oficiais e assessorias de imprensa, se utilizam desta lógica para se encaixar na agenda dos jornais. A presença repetitiva de determinadas fontes em determinado caderno pode se justificar, dentre outras coisas, pela imposição de fatores como rotina, tempo e burocratização, elementos intrínsecos à ação social, sobre a notícia.

A quantidade de vezes em que um caderno de economia utiliza como fonte um economista neoliberal, em detrimento de um marxista, e vice-e-versa, também pode ser interpretada pela forma como os responsáveis se relacionam com o poder estabelecido e seus principais agentes, ou, como os agentes deste poder buscam, ou forçam, seu espaço na agenda dos meios de comunicação. O poder político e, sobretudo, econômico pode se utilizar de meios, explícitos não, para se perpetuar. Este elemento, mas não só, da ação social, pode ser compreendido por outro nível de influência sobre a noticiabilidade: o da ação ideológica.

Para entender este elemento conformador da produção noticiosa, é preciso partir do princípio de que existe, na sociedade, constante disputa entre diferentes grupos, os quais tentam, ao longo da história, impor seus interesses por meio de construções concretas e simbólicas. É nessa compreensão que se baseiam as conceituações de ideologia, as quais, independentemente do termo definidor utilizado, dizem respeito à visão de mundo dos indivíduos e à construção simbólica de coesão entre determinados grupos sociais.

No jornalismo, as ideologias, ou a ação ideológica, se manifestam sobre e por meio da noticiabilidade. Isso porque, ao mesmo tempo que os *gatekeepers* são influenciados por sua própria ideologia, bem como pela ideologia dominante no tempo histórico, ao tomar suas decisões, estes contribuem, por meio do produto destas decisões, com a propagação de determinada matriz ideológica ou com a perpetuação de uma ou mais ideologias dominantes. Esta ação pode ser manifesta ou implícita. Pode-se entender a lógica organizacional do jornalismo ocidental, já apresentada, como manifestação ideológica do poder vigente, uma vez que as empresas jornalísticas, em especial as que produzem em larga escala, têm em seu alicerce noções empresariais e industriais características do modelo capitalista de produção.

Além disso, elementos como rotina, tempo e constrangimentos organizacionais, ao gerarem homogeneidade na produção noticiosa, levam o jornalismo a reproduzir padrões simbólicos, os quais podem gerar a percepção de um estado de coisas natural e imutável, como apontado pelo pesquisador Stuart Hall (SOUZA, 2002, página 75). Além disso, os meios de comunicação podem contribuir com a manutenção do que é ou não aceitável socialmente. Há que se dizer que a linha ideológica a qual serve determinado veículo de imprensa pode estar, também, ligada à sua propriedade. Um jornal pertencente ao Estado tende a reproduzir padrões simbólicos diferentes de um jornal pertencente a um banco, ou a determinada classe de trabalhadores.

A própria construção da ideia de jornalismo, e do ofício de jornalista, pode carregar ideologias. A pirâmide invertida, a ideia da notícia como algo objetivo, e a mediação de fontes que sigam o “aceitável” em determinado tempo histórico são postulados cravados em

pedra para determinados setores. A própria ideia do contraditório sofre mediação. O exemplo dado por Shoemaker e Reese, de que posições sindicais são normalmente tratadas como exigências, e posições patronais como ofertas é um bom exemplo. Uma matéria sobre greve, publicada em um grande jornal, dificilmente passará os portões sem impacto da ideologia vigente, por mais que a ação pessoal do repórter e a ação social deste com seus pares e suas fontes indiquem caminhos diferentes.

Para além da dimensão ideológica, social e pessoal, há, na concepção da notícia, a ação cultural, ou sociocultural. Assim como na ideologia, sua relação com o jornalismo se dá em via de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo que o jornalismo se utiliza de símbolos e padrões culturais definidos ao longo da história para se fazer compreender, também acaba por ditar, manter ou modificar o ecossistema sociocultural. A maneira com a qual a tribo jornalística (Traquina, 2005) constrói suas escolhas e interpretações de acontecimentos, muitas vezes está baseada em escolhas e interpretações estabelecidas como padrão dentro do próprio jornalismo.

No compilado de estudos culturais relacionados à produção de notícias trazido por Jorge Pedro Sousa, pode-se compreender, do ponto de vista de conteúdo, que o jornalismo busca, por exemplo, recorrer a recursos frequentemente utilizados nas artes para construir suas narrativas. Em diálogo com os valores-notícia do professor Traquina, é possível entender por que elementos como o inusitado, o conflito, a infração, a dramaticidade e a consonância são importantes critérios de *gatekeeping*. Por mais relevante que seja um acontecimento, seu alcance poderá ser maior se estiver inserido em uma narrativa que remete à ficção ou à fantasia. Jorge Paulo Sousa traz a visão de Michael Schudson sobre a relação entre jornalismo e produção cultural.

As notícias podem ser vistas na perspectiva dos gêneros literários, assemelhando-se a romances, tragédias, comédias e sátiras. As páginas sociais de um jornal seriam como um romance, que poderia, contudo, ser mesclado de comédia. A reportagem de um incêndio já seria uma tragédia. Algumas notícias de polícia seriam quase uma forma abreviadíssima de romance policial (Sousa, 2002)

O sucesso do livro “A Sangue Frio” de Truman Capote, que retrata o assassinato de uma família no Kansas, bem como seus desdobramentos, e da série documental “Vale o Escrito”, produzida pela rede globo, a qual mergulha na guerra entre famílias pelo controle do jogo do bicho no Rio de Janeiro pode ser explicado por essa ótica, ainda que quase cinco décadas separem o lançamento das duas obras. Claro que ambos os exemplos foram feitos

com tempo e possibilidades de desenvolver a narrativa. Quando se pensa em *hard news*, o desafio é fazer isso respeitando os padrões estabelecidos. Ainda assim, Schudson aponta que as notícias se assemelham aos romances porque ambos são histórias contadas por pessoas, e as pessoas têm o hábito de contar histórias de forma semelhante.

Este padrão narrativo, embora traga proximidade do conteúdo jornalístico ao público, pode, também, ser utilizado a serviço da manutenção de padrões socioculturais e ideias dominantes, como um instrumento, consciente ou não, da ação ideológica. Segundo Sousa (página 83), os produtos jornalísticos são, em regra, “estandardizados e redutores que, reproduzindo, de alguma maneira, o sistema sociocultural, favorecem a manutenção do *status quo*”. A ação cultural é, portanto, mais ampla que a ação ideológica porque, não necessariamente, diz respeito ao interesse de algum grupo social. No entanto, os padrões culturais podem ser utilizados pela ação ideológicas.

No que diz respeito ao nível de influência do meio físico e tecnológico, não há grandes formulações a serem feitas. Em linhas gerais, Jorge Paulo Sousa aponta que estes dois fatores têm, em conjunto, influência na forma de apuração, produção e publicação da notícia. E que, do ponto de vista da noticiabilidade, pode-se dizer que o desenvolvimento tecnológico abriu margem para mais acontecimentos passarem pelos portões. A simultaneidade e o dinamismo trazidos pela internet possibilitam ao jornalista apurar e construir pautas antes pouco acessíveis. Uma chamada de vídeo com uma fonte que está em outro país pode ser feita facilmente e sem custos, o desenvolvimento das câmeras em celulares possibilita a captura instantânea de acontecimentos, e a informatização dos veículos possibilita que esta captura seja publicada em poucos minutos.

Não se pode descartar eventuais perdas ocasionadas pelo aumento de opções tecnológicas. A apuração remota tira possibilidades que o “pé na rua” produz, a necessidade de rapidez nas publicações *online* gera volatilidade e, algumas vezes, imprecisão na informação. O fácil, e desregulamentado, acesso às redes sociais contribui para a propagação em massa de *fake news*, e consequente descredibilização dos meios tradicionais de comunicação, os quais precisam encontrar formas de recuperar território. A influência da audiência tomou proporções ainda maiores, e mina possibilidades de produções jornalísticas que envolvam temas que dão menos cliques.

Expostas as cinco dimensões de influência sobre as notícias, cabe retomar a sexta, que, neste trabalho, apareceu primeiro: a ação histórica. Foi ao longo da história que os critérios de noticiabilidade, apresentados por Nelson Traquina, e os níveis de influência propostos por José Pedro Sousa ganharam, perderam, ou mantiveram relevância. Quando Traquina aponta

que, desde o século XVII até hoje, o público anseia pelo inesperado, ou que os jornais estadunidenses do século XX contribuíram diretamente para o culto à objetividade dentro da tribo jornalística, pode-se dizer que descreve o processo de enquadramento da ação pessoal, social, cultural e ideológica ao longo da história. Assim como Sousa, ao dizer que o critério da “atualidade” foi alavancado pela criação do telégrafo (ação do meio físico e tecnológico).

Pode se dizer, por fim, que a evolução da prática jornalística, o refinamento dos critérios de noticiabilidade e a compreensão das forças conformadoras de seu produto contribuíram para que o jornalismo se tornasse fonte de compreensão da própria história. A capa da Folha da Noite de 24 de agosto de 1954, cuja manchete principal é “Surpresa, emoção e inquietação no país”, tem seu espaço preenchido por trechos da carta de suicídio de Getúlio Vargas, e chamadas relativas às diferentes reações ao ocorrido. Sozinha, não explica o fato histórico, mas dá pistas de como interpretá-lo, ao menos à luz do que pensava certo grupo social paulista, historicamente opositor de Getúlio. No tabuleiro da história, e no quebra-cabeça do trabalho do historiador, o estudo e a interpretação do jornalismo, e seus elementos conformadores, se tornaram peça importante.

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Ao propor o mapeamento e análise das vezes em que Chico Buarque de Hollanda foi notícia na edição impressa da Folha de S. Paulo, este trabalho busca compreender o que faz um artista distante de seu maior volume de produção artística aparecer nas páginas do jornal de maior audiência do país. Ao analisar esse cenário à luz dos valores-notícia listados por Nelson Traquina e dos níveis de influência sobre a notícia propostos por Jorge Pedro Sousa, também se poderá assimilar quem é Chico Buarque para a Folha, e quais os motivos de o jornal mantê-lo na agenda. Antes de partir para a análise das matérias aqui selecionadas, é preciso traçar o panorama de como Chico foi retratado durante os nove anos sobre os quais se localiza este estudo, e apresentar a divisão em categorias aqui proposta.

Das 2115 citações a “Chico Buarque”, boa parcela das que não estão entre as matérias selecionadas para esta monografia, está na seção de dicas culturais, seja na *Ilustrada* ou no *Guia*. Isto porque, além das duas turnês, três livros, um álbum de inéditas, e um documentário, estes com a participação direta do compositor carioca, sua obra pregressa à última década reverberou ao transcorrer dela. Todos os anos houve apresentações de dança, música e teatro que se utilizaram das criações de Chico. Algumas dessas releituras, feitas por grupos ou figuras de maior proeminência, ganharam maior espaço no jornal.

Saindo da agenda cultural, tem-se as citações, ou a utilização de Chico Buarque em matérias que não dizem respeito a ele, sua obra, ou as releituras desta. É possível dizer que Chico apareceu, entre 2014 e 2023, como espécie de ícone cultural em determinadas notícias. Seu nome, ou imagem, por vezes são usados para agregar valor a determinado acontecimento. Na edição de 22 de agosto de 2018, por exemplo, foi publicada uma matéria a respeito das exposições de dois fotógrafos, Irving Penn (1917-2009) e Bob Wolfenson. Duas personalidades retratadas por cada um deles foram escolhidas para ilustrar o acontecimento. O estilista Yves Saint Laurent e a atriz e cantora Marlene Dietrich, pelo estadunidense Irving Penn. Pelo brasileiro Wolfenson, Gisele Bündchen e Chico Buarque.

Em 26 de junho de 2018, a página A8 do caderno “poder” deu, como se fosse notícia do dia, a passeata dos 100 mil, grande manifestação pública de oposição à ditadura, ocorrida 50 anos antes. No topo da página, uma fotografia geral do ato, acima da manchete “Estudantes lideram grande protesto contra a ditadura militar no Rio”. Abaixo do título e linha fina e entre as colunas de texto, outra foto, em quadro fechado. Ao centro dela, o jovem Chico Buarque de Hollanda, com 24 anos recém completados, olha sério para a câmera. Há outras fotos icônicas desse momento histórico, envolvendo outras personalidades importantes na oposição aos militares, assim como Bob Wolfenson possui em seu catálogo retratos de centenas de artistas, atletas e políticos. Ainda assim, a Folha deu destaque a Chico.

A vida do filho de Sérgio e Maria Amélia foi, para além de sua dimensão artística, tema de publicações do jornal da família Frias. Ainda que menos frequentes nas páginas da Folha que sua obra musical, teatral ou literária, os momentos em que Chico se aventurou na arena política brasileira renderam manchete. Sua história de proximidade com a esquerda brasileira e o conturbado cenário político brasileiro geraram grande polarização ao redor de seu nome. Enquanto um lado da população celebrou seu retorno aos atos políticos e maior participação em momentos decisivos, o outro atribuiu à atitude interesse em manter suposto favorecimento financeiro advindo da Lei Rouanet. Essa narrativa gerou acontecimentos curiosos, como o vandalismo a um painel que continha sua fotografia, durante ato pelo *impeachment* de Dilma, em 2016.

Por último, o grande fio condutor das notícias sobre Chico Buarque: sua obra. Da análise feita por Luiz Fernando Vianna em seus 70 anos, à reportagem feita por Bianka Vieira nos bastidores da turnê “Que Tal Um Samba”, o carioca foi notícia, principalmente, por sua produção artística. Neste primeiro momento, será analisado como a Folha e seus repórteres abordam a obra de Chico na última década.

### 3. 1 Enquanto eu puder cantar

Chico Buarque de Hollanda completou 70 anos em meio à Copa do Mundo no Brasil. Àquela altura, seu último álbum de canções inéditas fora “Chico”, de 2011, e seu último livro, “Leite Derramado”, de 2009. Nesse contexto, A capa da *Ilustrada*, caderno de cultura da Folha de S. Paulo trouxe, além de fatos e fotos de curiosidades sobre Chico, uma análise de Luiz Fernando Vianna, localizada entre duas fotos do artista, uma dos anos 1960 e uma de 2011, cujo título é “Boa como antes, obra atual de Chico não fala com o presente”, seguido da linha fina “Alvo de ódio na internet, artista que ajudou a pensar o séc. 20 faz 70 hoje”.

O texto de Vianna lamenta o fato das canções de Buarque, embora mais complexas, melódica e harmonicamente, terem, segundo ele, pouco a dizer sobre “o tempo presente” naquele momento. Trata ainda do sentimento de instantaneidade criado pelas redes sociais, da rinha política que tomava o *Facebook* (na época entre PT e PSDB), e de como as composições mais recentes do cantor carioca não foram capazes de responder àquele novo cenário. “Já faz tempo que Chico Buarque perdeu o sentido da urgência. E nós vivemos sotterrados por ela” (Folha de S. Paulo, 2014). O jornalista, referindo-se às ofensas feitas contra a então presidente Dilma Rousseff, disse que o aniversariante teve a sorte de celebrar a data em Paris. Do contrário, poderia ser alvo das mesmas ofensas.

Três anos e dois meses após o texto de Luiz Fernando Vianna, a mesma capa da *Ilustrada* trouxe o título “Seis anos sem disco / Lancei álbum novo”. As duas frases, separadas, posicionadas sobre duas fotografias de Chico Buarque, já com 73 anos, as quais apresentam o fotografado sério e sorrindo, respectivamente e remetem à capa de seu álbum de estreia, “Chico Buarque de Hollanda”, de 1966, transformada em meme durante os anos 2010. O bom humor da foto-título veio explicado na linha fina: “‘Caravanas’, primeiro álbum de Chico Buarque desde 2011, será lançado na próxima sexta; com nove canções, trabalho justifica o alvoroço e a ansiedade de seus fãs e mostra cantor conectado com a realidade”.

Thales de Menezes apresenta, em sua resenha, publicada em 23 de agosto de 2017, a nova criação de Chico com as melhores credenciais. Aos *haters*, a canção “Desaforo” soa, para ele, como resposta sutil. Aos fãs, as releituras de “A Moça do Sonho” e “Dueto”. A última, cantada com sua neta Clara Buarque, então com 18 anos, e irmã de Chico Brown, compositor e guitarrista em outra faixa do disco, “Massarandupió”, de letra solar, segundo Menezes. Elogios também à “Blues pra Bia”, sobre um homem que se apaixona por uma

mulher lésbica e aceita a rejeição, e “Jogo de bola”, em que a harmonia remete a “um craque driblando adoidado, mudando o caminho natural que a bola deveria seguir”.

Para arrematar, Thales trata das duas canções principais do disco, “Tua cantiga” e “Caravanas”. A primeira por ter causado controvérsia, uma vez que seu eu-lírico diz largar a família para viver com a amante. A segunda por fazer crítica à realidade de segregação entre a classe média e a periferia carioca. Após fazer a ressalva de o álbum ser mais curto que seus predecessores, o repórter conclui que este veio para “confirmar aos adoradores e alertar aos detratores que Chico Buarque está muito vivo e atento” (Folha de S. Paulo, 2017).

A turnê “Caravanas”, foi, também, capa da *Ilustrada*. Em matéria de Amanda Nogueira, titulada “Na Praça Outra Vez”, em referência à canção “A Volta do Malandro”, de 1985, publicada quando a caravana de Chico chegou em São Paulo, a apresentação foi tratada de forma mais descritiva que as supracitadas. A análise ficou para Thales de Menezes, em texto de 3 de março, dois dias após o de Amanda, publicado em espaço menor no caderno de cultura. Após o término da referida turnê, o músico Chico Buarque ficou afastado dos palcos por mais de quatro anos. Deixou os holofotes cerca de uma semana antes de Jair Bolsonaro subir a rampa do Planalto, e só retornou em fevereiro de 2023, quando seu amigo Luiz Inácio Lula da Silva já fora empossado presidente pela terceira vez. A turnê “Que tal um samba?”, homônima à canção lançada por Chico em junho de 2022, a qual propôs um samba para “espantar o tempo feio” e superar o país de Bolsonaro.

A série de shows chegou a São Paulo e à capa da *Ilustrada* em março de 2023. Sob o título de “Samba da Benção”, em referência à canção de Vinicius de Moraes e Baden Powell, Lucas Brêda trouxe o otimismo proposto pela inédita composição de Chico com a linha fina: “Chico Buarque afasta mutreta e sai ovacionado de show que abriu série de 18 apresentações da turnê ‘Que Tal um Samba’ na capital paulista”. No texto, dividido entre as páginas C1 e C2 da edição de 4 de março da *Folha*, Brêda descreve os pontos fortes do show, como a parceria com Mônica Salmaso e o bom humor de Buarque ao falar do ódio que sofre na internet e das acusações de que não compôs suas músicas.

Para justificar o título da matéria, o jornalista relatou que o samba de Baden e Vinicius foi tocado em conjunto a “Que tal um samba” de Chico “Samba da minha terra” de Dorival Caymmi, “evocando o poder do gênero musical de encontrar a esperança em meio à tristeza – um sentimento tão típico desse Brasil cantado por Chico.”. O trecho mais crítico da matéria diz respeito ao alto preço dos ingressos. “O Brasil que emana dos versos de Chico tem menos a cara do público que estava no *Tokio Marine Hall* e é mais parecido com aquele que frequenta os botecos de esquina e as rodas de samba na rua” (Folha de S. Paulo, 2018).

Tal qual o musicista, o Chico Buarque escritor também levou seus lançamentos à capa do caderno de cultura da Folha de S. Paulo. Em 15 de novembro de 2014, o leitor do jornal teve acesso a um texto com o título “2 irmãos” e a linha fina “‘O Irmão Alemão’, quinto romance de Chico Buarque, transforma em ficção busca do compositor pelo filho que seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, deixou em Berlim”. No topo da página, duas fotos. Uma de Chico, aos 17 anos, detido por furtar carros na capital paulista, outra de Sergio Ernst, o filho alemão do sociólogo, e inspiração para o romance do irmão músico.

O texto de Raquel Cozer não faz análises a respeito da obra de Chico Buarque e sua posição no tempo histórico. Trata-se de uma reportagem, a qual descreve o cenário familiar do carioca até a consequente descoberta da existência de um irmão europeu, o pouco caso em relação à estória no primeiro momento, superado pela obsessão de Chico em saber mais sobre o parente distante e a operação conjunta entre o autor e sua editora para obter os dados que nortearam a escrita do romance. Em seguida, apresenta as passagens autobiográficas que floreiam o livro, das mais às menos verossimilhantes, com direito a aspas de Miúcha, a mais velha dos irmãos Buarque de Holanda nascidos no Brasil.

“O Irmão Alemão” repercutiu em outras reportagens a respeito de seus personagens e da mistura entre realidade e ficção. Dentro da obra de Chico Buarque, em consonância com o diagnóstico de Luiz Fernando Vianna, não foi lido como contribuição ou resposta às urgências do debate público ou sintoma de sintonia de seu autor com o presente. As duas publicações seguintes, em contrapartida, seguiram outro caminho. A capa da Ilustrada de 8 de novembro de 2019, data em que a Folha noticiou o entendimento do STF sobre a prisão em segunda e a possível soltura de Lula, traz Chico de perfil, com o rosto escondido pela sombra e o título “O bloco dos napoleões retintos”, emprestado da canção “Vai Passar”, de 1984, um dos símbolos da abertura democrática brasileira. Na contramão da música, a linha fina anunciou que: “Chico Buarque tempera seu novo romance, ‘Essa Gente’, com linchamento, violência policial e as tensões do Brasil sob Bolsonaro”.

Ao resenhar o novo livro, escrito após o término da turnê “Caravanas”, na égide da chegada ao poder da extrema direita, Walter Porto dá a dimensão da atualidade da obra logo no início, em detrimento do restante da trajetória de Chico na literatura: “Enquanto os seus romances costumam se passar em tempos indefinidos ou num passado mais distante, este Chico Buarque está com os dois pés fincados em 2019” (Folha de S. Paulo, 2019). A afirmação se deve ao fato de os episódios envolvendo o protagonista Manuel Duarte estarem em constante diálogo com acontecimentos do início de governo Bolsonaro, e recheado de símbolos de violência e opressões de classe.

Porto traça, ainda, um paralelo entre versos de “As Caravanas”, dentre os quais os definidores “Filha do medo, a raiva é mãe da covardia”, e uma passagem no livro na qual um sujeito de classe alta carioca, amigo do protagonista agride um homem indígena no meio da rua. Após descrever algumas das relações presentes no romance, as quais, segundo ele, constroem um mosaico complexo, o jornalista conclui o texto e justifica o título, citando a mesma canção deste, dizendo que Chico, ao recheiar seu livro com elementos de violência e pouca sanidade mental dos personagens, esperava “o estandarte do sanatório geral passar”. A frase dialoga com a descrição feita no início do texto, calcada na percepção de que o artista carioca, diferentemente de colegas de profissão, tem o hábito de falar pouco. Seus posicionamentos, em geral, se dão por meio de sua obra.

A exaltação ao realismo de “Essa gente” apareceu em outra crítica na mesma edição da Folha. O musicista e então diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) Arthur Nestrovski, abaixo do título “Pequeno grande romance escrito por Chico Buarque resume o estado do país”, constrói seu texto por meio de paralelos entre as cenas do romance de Chico, algumas de suas composições e até a música “Manhã de carnaval”, de Luiz Bonfá, 1959. Por meio de capítulos passados da história cultural e da biografia musical e literária do próprio Buarque, Nestrovski demonstra porque, segundo ele, o livro, lançado em 2019, é definidor do Brasil naquele momento. A conclusão é antecipada na linha fina: “Quando o Brasil tiver acabado de vez, só vão precisar de ‘Essa Gente’ para entender o que aconteceu”.

Após um ano e dez meses de pandemia, Chico Buarque rompeu a reclusão com o lançamento de seu primeiro livro de contos, “Anos de Chumbo”, e voltou à primeira página da *Ilustrada*. Novamente coube a Walter Porto apresentar, em 16 de outubro de 2021, o cartão de visitas da nova obra do vencedor do Prêmio Camões de 2019. O recorte do retrato feito por Bob Wolfenson em 1995, no qual Chico aparece de dorso nu (o mesmo que ilustrou reportagem sobre o fotógrafo), e o título “Pedaços de mim”, adaptado de “Pedaço de mim”, faixa do álbum “Chico Buarque”, de 1978, dão a pista de abordagem feita pelo repórter.

Ao discorrer sobre excertos das oito histórias componentes do livro, Porto enfatiza os traços autobiográficos, corriqueiros na obra literária (e musical) de Chico Buarque. Ao iniciar o texto, cita entrevista do artista carioca em que este diz existir pouco a ver entre o Chico escritor e o compositor, mas reconhece ser difícil convencer o público disso. Esta última parte é ratificada pelo repórter em sua avaliação de “Anos de Chumbo”. A inspiração na vida de Chico aparece, por exemplo, no conto que narra o encontro de um jovem compositor com Clarice Lispector, ou no que apresenta a relação entre um artista e um *hater*, que encontra seu

passaporte no aeroporto. Walter também cita o protagonista de “O Sítio”, que, a exemplo de Chico no início da pandemia, viaja por um tempo para o interior do Rio de Janeiro, para esperar o controle de uma doença.

Após relatados os contos mais distantes da biografia do autor, como o que o narrador é alguém que convive com homem com ares de miliciano, ou o que tem como protagonista o filho de um torturador durante os anos 1970 (este homônimo ao livro), é retomada entrevista que Chico deu a Clarice Lispector nos anos 1960, anteriormente citada na matéria, especificamente um diálogo em que o jovem compositor pergunta a escritora se uma boa ideia de romance pode sempre ser reduzida a um conto, e ela lhe responde não ser bem assim. A partir deste trecho, Porto conclui com uma exaltação ao autor: “Não se sabe o que mais ficou de fora da entrevista. Mas ao que parece, com o tempo, Chico acabou entendendo tudo” (Folha de S. Paulo, 2021).

As matérias publicadas acima demarcam pontos importantes da linha do tempo do artista Chico Buarque, e carregam semelhanças. Todas têm como principais valores-notícia a novidade e a notoriedade. São acontecimentos midiáticos envolvendo ineditismo e figura notória. Os lançamentos de Chico ao longo da última década foram, em sua maioria, matéria da primeira página do caderno especializado em cultura da *Folha de S. Paulo*. O protagonismo dado à sua obra reforça o *status quo* de personagem necessário à cena cultural brasileira. O artista é, ainda hoje, do ponto de vista da cobertura cultural, régua para quem produz Música Popular Brasileira.

A angústia para que sua obra responda à realidade brasileira, e a consequente exaltação de “Caravanas”, “Essa Gente” ou “Que tal um Samba?”, reforça seu nível de influência, do ponto de vista da ação cultural e ideológica sobre quem aprecia sua obra e quem escreve sobre ela. A partir do momento em que a esquerda, da qual Chico faz parte, foi tirada do poder, criou-se expectativa de que qualquer de suas palavras, em verso ou prosa, pudesse aplacar as derrotas e trazer bom tempo às fileiras do dito campo progressista. A exaustiva reprodução de “Apesar de Você”, canção lançada oficialmente em 1978, em manifestações contra Michel Temer e Jair Bolsonaro, diz algo sobre isso.

A publicação dos lançamentos de Chico Buarque e a relação feita entre eles e o governo Bolsonaro denota a dimensão da ação social sobre a noticiabilidade. Os *gatekeepers* poderiam ter se limitado a dar, de forma objetiva, as novidades do artista carioca, ou publicar análises limitadas às questões estéticas de seu álbum e seus livros. No entanto, a opção foi por destacar o caráter de resposta e crítica aos anos do bolsonarismo. A matéria a respeito da turnê iniciada logo após o fim do governo do capitão reformado, ao dar ênfase à proposta de afastar

a mutreta, feita em “Que Tal um Samba?”, mostra consonância (valor-notícia) com o discurso construído naquele momento, em que o ex-presidente questionava o resultado eleitoral e era protagonista de investigações sobre tentativas de ataque à democracia.

Outro fato que rendeu capa na *Ilustrada* foi a concessão do Prêmio Camões de literatura, o maior em língua portuguesa. No entanto, uma propaganda da prefeitura de Ilhabela ocupou metade da página e mandou o texto para a página C4. Titulada “Cancioneiro do músico é como uma cordilheira impressionante”, a análise de Sérgio Rodrigues adianta, na linha fina, seu ponto principal: “Se Chico escrevesse numa língua menos secreta, o Nobel de Dylan se sentiria à vontade em seu colo” (Folha de S. Paulo, 2019). Partindo do Camões, Rodrigues atravessou, e exaltou, a obra de Chico, além de apontar o fato de que seu apoio ao PT o tenha feito ganhar opositores.

O Prêmio Camões é um caso curioso, do ponto de vista de classificação do acontecimento. Sua existência, seu caráter anual e fixo no calendário da literatura o tornam, a princípio, acontecimento midiático. A premiação vai acontecer, independentemente da cobertura de imprensa, mas deve gerar algum tipo de repercussão nos meios de comunicação, norteada e dimensionada por valores-notícia como proximidade geográfica e relevância do ganhador. No caso do Prêmio de 2019, a análise deixa de ser essa, mesmo sem entrar nos desdobramentos políticos. Chico foi o primeiro músico a receber o prêmio. E recebeu por suas composições, ainda que a transversalidade de sua obra tenha sido apontada. O ineditismo adiciona pitadas de acontecimento “real” ao fato, ainda que não seja tão surpreendente que um artista conhecido pela qualidade de suas letras receba o prêmio. Pode-se dizer, portanto, que o Camões dado a Chico Buarque seja um acontecimento “híbrido”.

Outro acontecimento que pode ser lido nesta categoria é o anúncio, feito por Chico, de que não cantaria mais “Com Açúcar, com Afeto”, de 1967, em respeito às críticas feitas pelas feministas à sua letra. O fato em si carrega a surpresa de um acontecimento real, porque, quando se tornou público, não havia grandes debates sobre o tema. No entanto, o fato de ter sido publicizada na série documental “O Canto Livre de Nara Leão”, traz à declaração de Chico característica de acontecimento midiático ou, em uma leitura mais rígida, pseudo-acontecimento. A produção de um documentário reúne uma série de *gatekeepers*, que definem quais declarações darão ao resultado final mais relevância. A fala “bombástica” de Chico pode ter sido incluída com a expectativa de virar notícia.

A reportagem de 1º de fevereiro de 2022, cujo título é “Música de Chico Buarque retoma discussão sobre arte e machismo” e a linha fina cita a declaração, é um bom exemplo para sistematizar os valores notícia e os níveis de influência sobre a notícia. A decisão de

Chico é, na matéria de Marina Lourenço, o gancho para reacender a discussão sobre o machismo em suas letras. Ao longo do texto, a jornalista traz fontes com posições diferentes a respeito da canção de Chico, e também do tema no geral. Está presente, além do inesperado, a notoriedade, pela figura de Chico Buarque, a atualidade, uma vez que a declaração era recente, a publicação do documentário idem, e a discussão sobre arte e machismo é pauta recorrente na cobertura de cultura.

Seguindo as formulações de Jorge Pedro Sousa, se apresenta a relevância de Chico Buarque do ponto de vista da ação cultural. Nesse quesito, também, a influência do documentário produzido pela rede Globo se manifesta na necessidade de repercuti-lo. No que diz respeito à ação social e ideológica, a centralidade da pauta feminista é determinante para a construção da reportagem, a qual, além de trazer posições divergentes, apresenta como fontes apenas mulheres, o que reforça a importância do protagonismo feminino nas discussões deste eixo temático, e blinda a matéria de sofrer críticas por falta de diversidade. Por fim, pode-se dizer que há influência da ação histórica, uma vez que o momento e as mudanças socioculturais e ideológicas condicionaram a declaração de Chico e, também, a visão do jornalismo a respeito da discussão do machismo na música.

As onze matérias apresentadas até agora foram escolhidas por reunirem o elemento comum de discutir e reverberar a atualidade da obra de Chico Buarque. Estão todas atreladas a acontecimentos de agenda cultural como já foi dito. No entanto, extraem dela outros elementos capazes de conferir relevância e interesse aos textos. Se o personagem Chico, como apontado por Luiz Fernando Vianna, deixou de ser unanimidade na última década, sua obra certamente não agrada à totalidade da população. Dar destaque a textos que enfatizam as discussões apresentadas pelo artista carioca e seus lançamentos é, também, potencializar o interesse do público por meio do conflito (valor-notícia). Quem cultua o autor de “Roda Viva” ganha ferramentas para reafirmar sua percepção de que ele é capaz de dar explicações e respostas à conjuntura política por meio de sua obra. E quem odeia o “amigo do Lula” reúne repertório para alimentar o sentimento de rejeição.

Das dezoito restantes, boa parte possui forma e conteúdo voltados para a divulgação ou repercussão da obra de Chico. Relançamentos, descoberta de trechos perdidos de canções ou gravações, e seu reencontro com Maria Bethânia no palco do show da Mangueira em 2016 tiveram seu lugar ao sol no jornal dos Frias. Os momentos principais, já trazidos, renderam também textos de menor protagonismo, os quais trataram os acontecimentos, direta ou indiretamente, por outros ângulos. O álbum “Caravanas” gerou, no mesmo dia da análise de Thales de Menezes, reportagem de Marco Antônio Canônico, a qual reuniu aspas dos músicos

que participaram da composição e gravação das canções que compõem o disco. Ao repórter, os parceiros do compositor atestam a qualidade e maturidade de suas novas composições. O mesmo Marco Antônio deu a notícia do início da turnê homônima ao álbum, em 13 de dezembro de 2017, e repercutiu a estreia dois dias depois. Ambos os textos, o primeiro em caráter de anúncio e o segundo em forma de crítica (positiva), tiveram espaço menor na *Ilustrada* do que outros relativos ao mesmo tema.

Na edição cuja capa do caderno foi dedicada a “O Irmão Alemão”, outros dois textos seguiram o de Raquel Cozer, e, ao invés do livro em si, trataram do protagonista. Escritos por Roberta Campassi, colaboradora da Folha em Berlim, as reportagens traçaram um breve perfil de Sérgio Gunther. Deram nome aos pesquisadores contratados pela Companhia das Letras para a condução das investigações a respeito do filho “perdido” de Sérgio Buarque de Hollanda. Uma das reportagens aponta semelhanças entre os irmãos Chico e Sérgio. A linha fina aduz que: “Sérgio Gunther espalhou Chico lançando discos e conquistando mulheres”. Os dois textos estão em meio a críticas à obra, imagens que ilustram seus personagens e alguns dos locais em que se passa, e até aspas do escritor Ruy Castro a respeito de uma canção de Gunther. O fato de ser uma edição de sábado talvez explique as três páginas dedicadas ao livro.

O valor-notícia do dia noticioso pode ser usado para explicar a existência das três últimas matérias sobre as quais esta seção de análise irá se debruçar. Foram os domingos que trouxeram às páginas da Folha de São Paulo os textos “‘Construção’ é apogeu de Chico” (Folha de S. Paulo, 2017), “Mônica Salmaso: não tremo mais quando estou com Chico Buarque” (Folha de S. Paulo, 2023) e “A Banda” (Folha de S. Paulo, 2023). Isso porque o espaço dedicado à cultura no dia que inicia nova semana, mas parece terminar a anterior é diferente. A *Ilustrada* se torna, ou ganha a companhia da *Ilustríssima*, e o leque de possibilidades de construção das pautas é ampliado

Marco Aurélio Canônico e Lucas Neves, quatro dias após a notícia do lançamento do álbum “Caravanas”, preenchem três páginas do caderno especial com uma grande enquete. Foram ouvidas 40 pessoas, entre personalidades da música, como Beth Carvalho, Ney Matogrosso e Carlinhos Brown, do cinema, como Cacá Diegues e Bruno Barreto e do teatro, como Bibi Ferreira, Charles Möeller e Laila Garin, além de jornalistas e pesquisadores. A missão dada a elas foi dizer suas três canções preferidas de Chico Buarque. A votação, que teve “Construção” como vencedora, recebeu comentário do professor e compositor Luiz Tatit, o qual assinalou a heterogeneidade das 61 músicas citadas e ratificou a excelência da obra de buarqueana.

Uma das participantes da enquete, a cantora Mônica Salmaso é a protagonista do segundo texto citado. Sua participação na turnê “Que tal um samba?” foi o gancho para uma entrevista, realizada em sua casa pela jornalista Bianka Vieira, repórter da coluna da Mônica Bergamo. A carreira da cantora e suas percepções sobre a música como negócio apareceram entre as muitas aspas que preencheram as páginas C2 e C3, dedicadas à coluna e inseridas na “Ilustríssima” de 26 de fevereiro de 2023. Mas foram suas percepções sobre a experiência ao lado de Chico Buarque que nortearam o texto. A “Cinderela”, apelido autoconcedido por ela para descrever o sonho de cantar um o artista carioca, a quem ela atribui imensa importância, que dominaram as linhas da entrevista.

Cinco domingos depois, a mesma *Ilustríssima*, a mesma Bianka Vieira, as mesmas páginas C2 e C3, e a reportagem que motivou a existência deste trabalho. O subtítulo

Músicos e ‘membros honorários’ do grupo que acompanha Chico Buarque há décadas falam sobre a turnê ‘Que Tal Um Samba’, que roda o país desde o ano passado, relatam temores vividos nas eleições, exaltam a presença de Mônica Salmaso e dizem que cantor anda mais solto (Folha de S. Paulo, 2023)

apesar de comprido e descritivo exprime menos sobre o texto do que o título, curto, e remetente à canção vencedora do Festival da Música Popular Brasileira em 1966.

O primeiro dos 24 parágrafos, separados entre si por asteriscos, também usados na entrevista com Salmaso, narra a massagem recebida por Chico Buarque, minutos antes do início de uma apresentação no Tokio Marine Hall, casa de shows que abrigou sua turnê mais recente. A partir da construção detalhada dessa e outras imagens, vivenciadas por ela, Bianka insere o leitor nos bastidores de “Que Tal Um Samba?” e leva à companhia daqueles que acompanham Chico há décadas. “A Banda” não é só composta dos músicos, mas também de figuras como o empresário Ricardo Clementino, o Tenente, e o advogado Ricardo Cerqueira.

A repórter não foi a primeira a entrevistar os artistas e o *staff* do compositor carioca. No entanto, ao construir a reportagem como um entrelace percepções destas pessoas a respeito da turnê, do medo que tiveram durante as eleições de 2022, e do “chefe” e sua simplicidade no trato com todos traz uma forma de narrativa que, atualmente, tem menor espaço no dia a dia noticioso. O fato de ela não ter entrevistado Chico, mesmo tão próxima do artista, mas ter reportado suas ações antes de entrar no palco e ser celebrado pela plateia, mantém a distância em relação ao artista, e fortalece o perfil construído pelos depoimentos paralelos e pelo contorno literário de algumas passagens.

A reportagem e a entrevista de Bianka Vieira, bem como a enquete de Marco Aurélio Canônico e Lucas Neves são pontos fora da curva. O texto de 2017 se aproveita de um novo lançamento para resgatar a obra de Chico Buarque. O foco dado a “Caravanas” é mínimo, e pode-se dizer que um dos principais valores-notícia da matéria é substantivo, tem a ver com o uso do que Nelson Traquina classifica como figuras de elite. Uma constelação dar opinião sobre a obra de outra estrela desperta interesse do público. Além disso, a construção das páginas com fotos e aspas de algumas das personalidades é recurso gráfico que se utiliza de símbolos da cultura para chamar atenção de quem lê a matéria. A própria seleção de fontes denota a influência da ação cultural sobre a matéria.

As publicações de fevereiro e abril de 2023 têm como principal pano de fundo a turnê “Que Tal Um Samba?”. Ocorre que esta não é a notícia, mas sim seus personagens. A entrevista e a reportagem de Bianka aproximam o público do *backstage* de um artista que é, por definição, recluso. A curiosidade do público sobre Chico Buarque potencializa ambos os textos, os quais são bem-sucedidos em desmistificar as figuras nele presentes, conferindo tangibilidade (valor-notícia) aos personagens.

A ação social, em sua dimensão organizacional, é importante para se compreender a singularidade das três matérias: tempo e espaço. Não há, nelas, sinais da ação de pressões que caracterizam a cobertura de *hard news*, por exemplo. O objeto principal de nenhuma delas é um acontecimento inesperado ou urgente, o que afasta características padronizantes como a objetividade excessiva. A quantidade de páginas disponíveis, e a concepção da Ilustríssima, descrita no site do jornal como seção dedicada à cultura, à ciência e a reportagens de fôlego, além de textos de ficção, poesia, dramaturgia, ensaios, cartum e quadrinhos, podem aparecer como elementos explicativos do nascimento dos textos supracitados.

A obra de Chico Buarque apareceu na Folha de São Paulo, em média, levando em conta os critérios de seleção aqui utilizados, cerca de três vezes ao ano. Nenhuma destas vezes com viés negativo. Das matérias mais protocolares, como “Chico e Bethânia se reencontram no palco”, de 26 de janeiro de 2016, às que mais se dedicaram a analisar seu catálogo musical e literário, se pode dizer que todas o colocaram no status de artista fundamental para compreender o Brasil. Sempre que deixou a reclusão, Chico despertou a expectativa de que teria respostas ou proposições, por meio de sua arte, aos problemas do país.

### 3. 2 Tem samba de sobra

Chico Buarque se aproxima dos 80 anos de vida e 60 de carreira e, nos últimos 10, como já mostrado, adicionou à sua obra novos componentes. No entanto, sua produção das cinco décadas anteriores mantém força e reverbera na cena cultural brasileira. Seus textos teatrais, livros e composições são constantemente revisitados, e seguem balizando outros artistas. No período abordado por este trabalho, algumas destas releituras tiveram espaço nas páginas da Folha de S. Paulo.

A chegada do artista carioca aos 70 anos serviu de gatilho para que ele virassem notícia, e também para que outros artistas levassem a cabo novas perspectivas da sua obra. Em 19 de junho de 2014, a página E3 da *Ilustrada* trouxe, além de curiosidades sobre Chico e indicação de 10 álbuns essenciais de sua carreira, matéria preenchida em sua totalidade com lançamentos inspirados na efeméride. “Aniversário de Chico inspira projetos de música e teatro” apresentou a chegada aos palcos de nova versão da peça “A Ópera do Malandro”, escrita em 1978, bem como de espetáculos então inéditos, os quais têm como base as músicas de Chico. Entrevistas com nomes mais novos da música como Criolo, Ana Cañas e Marcelo Camelo sobre a influência do novo septuagenário em sua arte também apareceram na reportagem de Giuliana de Toledo, Guilherme Genestreti, Marco Rodrigo Almeida e Fernanda Reis.

A mesma Fernanda repercutiu, dois meses depois, quatro espetáculos teatrais, com abordagens distintas, e que chegavam à São Paulo na mesma época. A já citada remontagem de “A Ópera do Malandro”, e uma versão de “O Grande Circo Místico”, de 1983. Além delas, o musical “Todos os Musicais de Chico Buarque em 90 Minutos” de Charles Möeller e Claudio Botelho e da peça “Reconstrução”, ambas construídas em cima do cancioneiro do cantor. As matérias, ambas de 06 de agosto de 2014, possuem caráter descriptivo e de divulgação da agenda cultural, com aspas de Claudio Botelho, uma delas criticando obras, segundo ele, oportunistas sobre a vida de cantores, e afirmando o interesse de sua peça na diversidade da obra de Chico, não em sua figura.

2016 foi o ano em que a Folha mais deu espaço às interpretações de Chico Buarque. Na música, Hamilton de Holanda e o português Antonio Zambujo lançaram álbuns dedicados às canções do compositor. Os textos de divulgação, ambos de Luiz Fernando Vianna, têm construção semelhante. Neles, aparecem características dos arranjos, destaque a determinadas faixas, e aspas dos intérpretes a respeito de sua admiração por Chico. Na publicação de 27 de abril, dez dias após a votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, Hamilton de Holanda foi questionado se o momento escolhido para levar seu disco ao público representou desagravo a Chico, na época criticado por se posicionar ao lado da presidente

durante o processo de cassação. Respondeu que, se Chico quisesse, poderia ver como desagravo, e que é uma honra ser contemporâneo de um artista de sua grandeza.

Em setembro do mesmo ano, chegou a São Paulo “Gota D’Água (A Seco)”. O espetáculo apareceu na *Ilustrada* nos dias 9 e 16. Na primeira vez, em poucas linhas, escritas por Maria Luísa Barsanelli, foi apresentada a proposta da peça, que se propôs uma versão reduzida do musical de 1975, com apenas duas personagens e metade do tempo da montagem original. Além disso, outras canções do compositor de “Gota D’água” foram adicionadas. Mesmo no curto espaço, coube uma fala do diretor Rafael Gomes, o qual justificou o acréscimo de outras músicas ao dizer que Chico é um universo. A crítica da peça saiu uma semana depois. Nelson de Sá fez elogios à montagem e, principalmente, à atuação de Laila Garin, no papel de Joana, a protagonista. Ao comentar o arrebatamento trazido pelos números musicais, incluindo os adicionados na nova versão, o jornalista apontou que “Chico Buarque é a comprovação de uma velha verdade sobre o teatro musical –as melhores canções são aquelas que, sozinhas, já poderiam ser toda uma peça” (Folha de S. Paulo, 2016).

Se as músicas de Chico Buarque podem ser peça, seus livros também podem. Sete anos após sua publicação, o romance “Leite Derramado”, de 2009, chegou aos palcos. A adaptação foi abordada pela Folha de S. Paulo nos dias 14 e 23 de outubro de 2016. Assim como no lançamento de “Gota D’Água (A Seco)”, o texto de anúncio coube à Maria Luísa Barsanelli. Em “‘Leite Derramado’ retrata ironia do país” (Folha de S. Paulo, 2016), a repórter apresenta o espetáculo, descreve suas percepções e apresenta falas do diretor. Roberto Alvim, que, anos depois, foi Secretário de Cultura do governo Jair Bolsonaro, e deixou o cargo após publicar vídeo em que emulou a estética do ministro de propaganda nazista, Joseph Goebbels, foi o idealizador da adaptação cênica do romance de Chico

É sobre ele, aliás, que repousa a crítica de Luciana Romagnoli, cujo título é “Quem te viu, quem te vê”, em referência à canção homônima, de 1967. A análise retoma outras de suas montagens e exalta a apostila em escapar do minimalismo característicos da obra do diretor carioca. Nesse texto, o autor do livro que inspirou a peça fica em segundo plano, e aparece pouco além da linha fina, “Roberto Alvim adapta Chico com teatralidade”.

Nelson de Sá, elogioso a Chico ao comentar “Gota D’água (A Seco)”, é o autor dos dois textos mais recentes dessa seção do trabalho. Em 29 de abril de 2018, publicou “Eis que chega a roda-viva”, nas páginas 4 e 5 da *Ilustríssima*. A reportagem anunciou que José Celso Martinez Corrêa, diretor do teatro oficina, tinha conseguido autorização de Chico Buarque para remontar a peça “Roda-viva”, de 1968. O anúncio foi feito por meio de longa reportagem, na qual resgatou a montagem original, com entrevistas de membros do elenco

original e fatos importantes do período. Nelson também trouxe à tona pedidos anteriores de Zé Celso para utilizar o texto de Chico, e as negativas do cantor. Atribuiu à mudança de ideia do autor da peça o momento político do Brasil naquele momento, pós-impeachment e antecessor à prisão de Lula e à eleição de Bolsonaro.

O último deles, “Novo ‘Morte e Vida’ tem muito João Cabral para pouco Chico Buarque” (Folha de S. Paulo, 2022), é uma crítica à, então, nova versão de “Morte e Vida Severina”, espetáculo com texto de João Cabral de Melo Neto e musicado por Chico Buarque. O jornalista afirma que a montagem de Elias Andreato enfatizou as características áridas do texto do poeta pernambucano, em detrimento da fluidez e popularidade imprimida pela música do compositor carioca. Segundo ele, a ausência de busca por atualização, distanciou o texto do público.

As interpretações da obra de Chico Buarque viraram notícia, em geral, quando feitas por figuras de notoriedade, ainda que restrita, em sua área de atuação. Outras releituras produzidas na última década ficaram restritas à página de dicas culturais. As que atravessaram os portões da noticiabilidade e foram associadas a seu autor original no título ou na linha fina, foram abordadas em caráter de divulgação ou análise, por vezes ambos. Em muitas destas publicações, está presente um elogio a Chico, seja diretamente feito pelo próprio jornalista, seja por declaração entre aspas do responsável pela adaptação de sua obra. A ação sociocultural e histórica pode explicar esta exaltação frequente. A primeira por Chico ser ícone referencial da cultura, a ponto de sua obra, por si, carregar noticiabilidade. A segunda em função da polarização ao redor de seu nome. Reafirmar a grandeza do artista e sua criação, no momento em que estes símbolos são atacados pode ser lido como uma resposta à ação social externa, ou até mesmo como disputa no campo da ação ideológica.

### 3. 3 Na mais fina companhia

Como já foi dito, Chico Buarque de Hollanda parece ocupar, na cobertura cultural da Folha de S. Paulo, posição de referência. Os valores notícia e níveis de influência somados à exaltação constante do artista carioca ou sua obra nas publicações noticiosas centro contribuem com este *status*. Além das reportagens as quais tratam diretamente de Chico e sua produção, há aquelas em que seu nome cumpre papel de valor-notícia. Textos que tratam de musicistas, escritores e dramaturgos, dos mais aos menos conhecidos, se valem do ícone, por vezes, em situações em que sua relação com o acontecimento central é menos significante que a evidência dada a seu nome pelo repórter.

Nelson Traquina não apresenta “Chico Buarque” como um dos valores-notícia, mas é possível recorrer a outros deles. A notoriedade, parte de todas as reportagens apresentadas até aqui, está presente, por exemplo, em reportagens sobre premiações às quais os lançamentos de Chico na última década concorreram, ou em subtítulos de entrevistas com artistas, nas quais há citação a ele. Há também o interesse em personalidades de elite. Chico não é monarca, empresário ou político, tampouco representante da ideologia dominante. No entanto, se pensarmos na cultura brasileira, ocupa posição de destaque há quase seis décadas. Ainda que o foco deste trabalho não seja o público, pode-se compreender que o uso de seu nome como referencial serve para atrair atenção a fatos que dizem respeito a personalidades menores que ele na cena cultural.

Do ponto de vista da construção da notícia, há dois valores-notícia que merecem destaque nos exemplos que serão usados adiante: relevância e consonância. O primeiro deles tem relação com o trabalho feito pelo jornalista para tornar o acontecimento noticiado relevante. Em 26/07/2014, a Folha publicou matéria de Sylvia Colombo a respeito da presença do escritor paquistanês Mohsin Hamid na Feira Literária de Paraty. O fato, por si só, pode ter relevância para quem conhece previamente a obra do escritor. No entanto, para ampliar o interesse, foi utilizado na linha fina o fato de o ator principal da notícia ser fã de futebol, leitor de Chico e convededor de canções de Gilberto Gil. Trazer três importantes elementos socioculturais do país pode ser entendido como recurso utilizado para conferir relevância.

O segundo, por sua vez, pode ser explicado pelos níveis de influência da ação social e cultural. O fazer jornalístico tem por característica reproduzir padrões, os quais são gerados pela dinâmica organizacional. As notícias não são produzidas do zero, e recorrem a elementos consagrados entre a tribo jornalística. Essa repetição, que pode ser entendida como continuidade, é fomentadora da consonância. Quando o escândalo de corrupção na Petrobrás é batizado de *Petrolão*, em referência ao mensalão, se insere na mesma linhagem deste, do *trensalão* e de outros escândalos de corrupção deste século. O uso repetido do sufixo “lão” para estes acontecimentos é um exemplo de consonância.

Na ocasião dos 80 anos do cantor Roberto Carlos, dentre a série de reportagens, há uma análise de Thales de Menezes sobre as letras do rei. A linha fina “Mesmo sem o dom de Chico Buarque para assumir o olhar feminino, cantor também construiu galeria de damas” (Folha de S. Paulo, 2021) se vale da consonância, ao retomar a ideia de que Chico é referência na construção do eu poético feminino por compositores homens. Em outros casos, mesmo que não haja comparação direta, o compositor de “Olhos nos Olhos” (1976) é elemento de

consonância para aferir qualidade ou prestígio à determinados eventos, lançamentos, efemérides e premiações relacionadas à cultura brasileira. Abaixo, 33 matérias cujo título ou linha-fina traz Chico Buarque relacionado aos critérios acima.

**Tabela 1 - Na mais fina companhia**

Data	Caderno	Repórter	Título	Linha fina
19/06/2014	Ilustrada	-	Ele me alertava para o perigo que Nara Leão corria	Na autobiografia 'Vida de Cinema', que a editora Objetiva lança em julho, Cacá Diegues fala da relação com Chico; leia extrato
12/07/2014	Ilustrada	-	Disco lançado por Elis em 1966 vai às bancas pela Coleção Folha	Álbum reúne canções compostas por Caetano, Gil, Chico e Milton
26/07/2014	Ilustrada	Sylvia Colombo	Quase brasileiro	Fã de futebol, leitor de Chico e conhecedor de canções de Gil, o escritor Mohsin Hamid vai a Paraty para lançar livro e conferir as semelhanças entre Brasil e Paquistão
21/09/2014	Revista São Paulo	Rafael Gregório	Prestes a lançar álbuns, veterana revê sucessos	Paraibana Elba Ramalho canta Domingos, Zé Ramalho e Chico Buarque em show grátis e ao ar livre no Sesc Campo limpo
21/09/2014	Revista São Paulo	Fabiana Seragusa	Músicas divertidas em novos arranjos	Canções de Adoniran, Chico e Tom Jobim estão no repertório
03/12/2014	Ilustrada	-	APCA divulga lista com os melhores de 2014	Romance de Chico Buarque e série "Amores Roubados" vencem prêmio de críticos de SP
15/04/2015	Ilustrada	Claudio Leal	Chão de Esmeraldas	Parceiro de grandes nomes da MPB, de Pixinguinha a Chico e produtor do lendário espetáculo "Rosas de Ouro" Hermínio Bello de Carvalho chega aos 80 anos com livro de poesia e shows em sua homenagem
08/07/2015	Cotidiano 2	Bruna Fantti	Juiz do Rio compara funk 'Proibidão' a versos censurados de Chico Buarque	Para magistrado, músicas 'nada mais fazem do que retratar o cotidiano das favelas cariocas'
12/08/2015	Ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Pesquisador faz 'samba sujo' em primeiro trabalho solo	Músico Alfredo Del Penho lança dois discos custeados por financiamento coletivo; Chico Buarque foi um dos principais colaboradores
23/10/2015	Cotidiano	-	Chico, Ruffato e Tezza estão na final do jabuti	Livro póstumo de João Ubaldo concorre na categoria contos e crônicas

26/12/2015	Ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Sambista da Lapa lança álbum autoral	Moyseis Marques chamou a atenção com recente interpretação em documentário sobre o cantor Chico Buarque
05/04/2016	ilustrada	Thales de Menezes	Entrevista Lobão: Estou do lado que venceu	Com novo disco após dez anos de estudos musicais, cantor fala da fúria de ex-fãs, explica cartas dirigidas a Chico, Gil e Caetano e propõe fim da meia-entrada
17/04/2016	ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Joana Flor faz versão rock de "A Rita", de Chico Buarque	"Indivíduo Lugar", seu álbum de estreia, é produzido por Manoel Barenbein, nome por trás do LP "Tropicália ou Panis et Circensis"
21/12/2016	Ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Portuguesa só canta Tom Jobim em novo disco	Álbum de Carminho com banda nova tem duetos com Chico Buarque e maria Bethânia
23/01/2017	Ilustrada	Carlos Bozzo Jr.	Cecília Leite lança em SP disco elogiado por Chico Buarque	Compositora e cantora, que era jornalista, levou demo de CD anterior a entrevista com músico
15/02/2017	Ilustrada	Amanda Nogueira	Mangueira invoca divindades com samba	Tradicional show de verão em prol da escola antecipa enredo e traz elenco de peso liderado por Chico Buarque
17/02/2017	Ilustrada	Amanda Nogueira	Sem dança, show da mangueira passou por religião e política	No tradicional espetáculo de verão, público ovacionou Chico Buarque, recebido aos gritos de 'Fora Temer'
19/02/2017	Revista São Paulo	Chico Felitti	O Chico Buarque da Construção	Empreiteiro com voz similar a do cantor carioca ganha a vida com reformas e canta na entrega da obra
26/04/2017	Ilustrada	Felipe Giacomelli	Seriado da Globo motiva memes que ironizam crimes da ditadura militar	Imagens com Caetano Veloso e Chico Buarque questionam se houve repressão
21/07/2017	Ilustrada	Marco Aurélio Canônico	Com Chico e Ney, prêmio de música supera falta de verba	Gritos de 'fora, Temer' ecoaram no Teatro Municipal do Rio durante a cerimônia
09/08/2017	Ilustrada	Thales de Menezes	Atriz premiada, Laila Garin lança 1º disco	Conhecida nos palcos por 'Elis, a musical' e 'Gota D'água (Seca)', ela canta de Chico a Piaf
16/08/2017	Ilustrada	Amanda Nogueira	Música brasileira simplificou, diz pesquisa	Ranking consagra Chico Buarque como artista de obra mais complexa
19/08/2017	Ilustrada	Álvaro Costa e Silva	Tinhorão dá aulas sobre 200 anos de canção	Passando por Chico, choro e Ismael Silva, os ensaios de 'Música e Cultura Popular' examinam produção brasileira
21/10/2017	Ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Uma Longa Noite	Há 50 anos, 3º Festival da Música Popular Brasileira aclamou Lobo, Gil, Chico e Caetano, chancelou a tropicália e moldou a cultura do país

20/05/2018	Revista São Paulo	Jr. Bellé	Senhor dos violões	Entre as zonas leste e sul da capital, o japonês Shiguemitsu Sugiyama criou instrumentos para Chico Buarque, Paulinho da Viola e João Bosco, entre outros talentos da MPB
18/11/2018	Ilustrada	Isabella Menon	Grammy latino coroa crescimento do reggaeton e outros gêneros da região	Romântico Jorge Drexler desbanca favorito J Balvin, Anitta fica sem troféu e Chico Buarque ganha dois
02/12/2018	Mônica Bergamo	Bruna Narcizo	Evandro Mesquita: Sempre fui de grupo, de praia, de rua	Aos 66, o ator lembra do dia em que fumou maconha com Bob Marley no sítio de Chico Buarque e diz que se enxerga 20 anos mais jovem
29/03/2019	Ilustrada	Luiz Fernando Vianna	Nana Caymmi ataca Chico e Caetano e afirma ter confiança em Bolsonaro	Eleitora do presidente, intérprete lança novo disco, reclama da Bahia e não descarta um inédito
18/04/2021	Ilustrada	Thales Menezes	Letras retratam ora um amante à moda antiga, ora galã bronco	Mesmo sem o dom de Chico Buarque para assumir o olhar feminino, cantor também construiu galeria de damas
15/03/2022	Ilustrada	Lucas Nobile	Militares receberam jabá para liberar músicas	Livro 'Mordaça' explica como gravadoras subornavam a censura para autorizar versos de canções de Caetano e Chico
14/06/2022	Ilustrada	Leonardo Lichote	O samba é o seu dom	Disco póstumo de Wilson das Neves sai depois de anos de preparação e soma participações luxuosas, de Chico Buarque a Emicida e Áurea Martins
13/07/2022	Ilustrada	Gustavo Zeitel	Jorge Helder, o 'baixo mais disputado do Brasil', encanta som de Chico e Bethânia	Em seus mais de 40 anos de carreira, músico conhecido pelo rigor também já colaborou com Caetano
23/11/2022	Ilustrada	-	Morre Pablo Milanés, famoso por sua 'Yolanda' aos 79, em Madri	Fundador da nova trova cubana, músico uniu artistas da América Latina ao lado de Chico Buarque

Nota: - indica ausência da informação

### 3. 4 O Velho Francisco

O último bloco de matérias analisadas por este trabalho diz respeito aos momentos em que Chico Buarque figurou nas páginas da *Folha de S. Paulo* não por sua produção ou releituras dela. Tampouco por ocupar posição de referência em relação à obra de outros artistas. Nos capítulos conturbados e incertos do Brasil da última década, a vida do artista carioca fora dos palcos ou lançamentos literários, em especial no que tange seus

posicionamentos e atitudes nos momentos decisivos da política, teve espaço nas manchetes do maior jornal do país.

Com a reeleição de Dilma Rousseff, o subsequente questionamento à lisura do processo eleitoral e o início das manifestações a favor do impedimento da presidenta e da prisão de Lula, figuras historicamente ligadas à esquerda brasileira e apoiadoras dos governos petistas se tornaram alvo dos setores conservadores da população. Chico não ficou de fora da lista de inimigos públicos da direita brasileira. Acusações de que recebeu milhões de reais da Lei de Incentivo à Cultura para se manter fiel ao PT, além da retomada de antigos boatos, como o de que suas canções foram escritas por compositores fantasmas, fizeram parte do discurso de seus detratores nas redes sociais.

Em 22 de dezembro de 2015, com o processo de *impeachment* em curso, o compositor foi abordado e hostilizado por opositores do então governo no Rio de Janeiro, e bateu boca com eles. A Folha repercutiu o caso e, dois dias após o acontecimento, deu no Primeiro Caderno a declaração de Dilma em defesa do correligionário, feita no *Twitter*. Nos 140 caracteres, permitidos pela rede social à época, se solidarizou com aquele que ela disse ser um dos maiores artistas brasileiros, e defendeu que a disputa política deveria ser mais respeitosa. A matéria da Folha também trouxe a declaração de Alvaro Garnero Filho, parte do grupo que hostilizou Chico Buarque. O jovem disse não ter ofendido o artista, e não saber que este era apoiador do PT, além de se declarar neutro politicamente. No último parágrafo, o texto trouxe, ainda, suposta indireta publicada pelo cantor em suas redes sociais, por meio da canção “Vai trabalhar, vagabundo”, de 1973.

O episódio ocorrido em solo carioca não terminou ali. Em janeiro de 2016, a *Ilustrada* publicou matéria intitulada “Chico não aceita desculpas e agora vai processar dois”, a qual relatou que ele iria processar um jornalista e antiquário que o ofendera na internet, ao comentar publicação de sua filha Silvia Buarque. O agressor chegou a pedir desculpas e afirmar que cometeu excesso, no entanto foram encontradas outras publicações semelhantes ao dito comentário, e a família do artista optou por seguir com o processo. Além dele, também seria alvo de ação judicial um dos protagonistas da confusão do mês anterior. O fazendeiro Guilherme Gaion Junqueira Motta Luiz, além de hostilizar pessoalmente, publicou *meme* insinuando que Chico vivia dos impostos pagos pela população.

Em março do mesmo ano, outra controvérsia envolvendo o compositor ganhou destaque na Folha de S. Paulo. A primeira página da *Ilustrada* trouxe, no dia 21, a notícia de que Chico Buarque iria vetar o uso de sua obra pela peça “Todos os Musicais de Chico Buarque em 90 minutos”, após o codiretor e ator Claudio Botelho chamar Dilma e Lula de

ladrões durante o espetáculo. As acusações levaram parte da plateia a responder com gritos de “Não vai ter golpe”, comuns entre os opositores do *impeachment*, e deixar a apresentação. Botelho bateu boca com a plateia, fechou as cortinas e declarou que os ingressos seriam reembolsados.

Após o ocorrido, vazou um áudio no qual o produtor cultural repetia os insultos à então presidenta e dizia que seus apoiadores eram o que havia de pior no país, além de neofascistas. O artista também foi acusado de racismo nas redes sociais, por outro trecho do áudio. A reportagem trouxe a posição da assessoria de Chico Buarque, segundo a qual o compositor teria reagido com espanto à postura de Claudio Botelho. Este, por sua vez, se disse chocado por, segundo ele, estar sofrendo censura por parte de alguém que foi censurado pelos militares, mas declarou continuar fã de Chico, que considerava o maior artista de sua geração.

Em agosto de 2016, mês em que o Senado votaria o afastamento definitivo de Dilma Rousseff, e marco inicial da campanha eleitoral para as eleições municipais, a Folha colocou Chico em evidência em três ocasiões. Curiosamente, nenhuma delas na *Ilustrada*, caderno no qual ele costumava aparecer. No dia 6 de agosto, quando o jornal estampou em sua capa a abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, a página A7 do caderno *Poder* trouxe o acontecimento de um ato no Canecão, tradicional casa de shows do Rio de Janeiro, o qual foi organizado pelo movimento Ocupa MinC, criado após a extinção do Ministério da Cultura por Michel Temer. O evento contou com a presença de diversos artistas, e protestos contra o governo.

No entanto, o que virou manchete foi o fato de Chico Buarque cantar, após quase quatro décadas, a música “Apesar de Você”, lançada originalmente em 1970, censurada após a interpretação de que o destinatário da letra seria o ditador Emílio Garrastazu Médici, retomada, em definitivo, no álbum “Chico Buarque”, de 1978, e consagrada como um dos hinos da abertura política. Em 2016, com o discurso de que o *impeachment* de Dilma seria um novo golpe, a música voltou à tona nas caixas de som dos eventos da esquerda. O retorno dela ao microfone de seu criador gerou alvoroço nos apoiadores da presidente afastada.

No dia 27, o caderno *Eleições 2016*, criado para cobrir o processo eleitoral que se iniciara, trouxe, na página 6, a manchete “Meu caro amigo, me perdoe por favor”. A referência à composição de 1975 teve o intuito de retratar a divergência entre Chico Buarque e seu amigo e correligionário político Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições cariocas. Enquanto o então ex-presidente cumpria o papel de principal cabo eleitoral da candidata Jandira Feghali, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o compositor se fazia presente nos

atos e na gravação do *jingle* de Marcelo Freixo, à época no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Três dias depois, em Brasília, Chico e Lula estiveram lado a lado durante a sessão do Senado que concretizou o *impeachment* de Dilma Rousseff. E a análise desta matéria ajuda a compreender as supracitadas. O texto, intitulado “Comportados, convidados de Dilma e acusação seguem sessão no Senado”, relatou o clima na galeria do Senado, ocupada por convidados da acusação e da defesa da presidente afastada. A reportagem apontou que o comportamento de todos foi ordeiro, ao contrário da expectativa prévia. Neste caso, o valor notícia utilizado para a construção da manchete e do texto foi o “inesperado”, uma vez que a regra do país desde as eleições de 2014 foi a tensão. A surpresa em relação à boa convivência entre os diferentes por ser entendida como influência da ação social sobre a notícia.

Apontada a exceção, é preciso voltar à regra. Para isso, cabe observar a Tabela 2, a qual retrata as matérias envolvendo Chico Buarque entre dezembro de 2015 e novembro de 2016:

**Tabela 2 - O Velho Francisco (conflito)**

Data	Caderno	Repórter	Título	Linha fina
24/12/2015	Primeiro Caderno	Catia Seabra, Marcela Paes e Reynaldo Torollo jr.	Dilma defende Chico após bate-boca no Rio	Apoiador histórico da esquerda, compositor foi insultado por jovens opositores do PT
20/01/2016	ilustrada	-	Chico não aceita desculpas e agora vai processar dois	Artista abrirá ação contra antiquário e fazendeiro por agressões na internet
21/03/2016	ilustrada	-	Chico Buarque vai vetar produtor que criticou PT	Apresentação de musical com obras do compositor foi interrompida em MG
06/08/2016	Poder (Ilustrada em cima da hora)	-	Contra Temer, Chico retoma seu clássico antiditadura	Compositor canta 'Apesar de Você', que não interpretava desde a década de 70
30/08/2016	Primeiro Caderno	Marina Dias, Daniela Lima e Mariana Haubert	Comportados, convidados de Dilma e acusação seguem sessão no Senado	Lula, o compositor Chico Buarque e ex-ministros foram convidados pela defesa; líderes pró-impeachment também compareceram
27/08/2016	Caderno	Ítalo Nogueira,	Meu caro amigo, me	Unidos contra o impeachment,

Eleições 2016	Nicola Pamplona e Sergio Rangel	perdoe, por favor	Chico Buarque e Lula ocupam agora palanques opostos na disputa carioca
Primeiro Caderno 24/11/2016 (ilustrada em cima da hora)	-	A pedido de Chico, 'Roda Viva' retira sua canção	Músico afirma discordar da linha editorial do programa

Nota: - indica ausência da informação

Todas as reportagens têm como valor-notícia o conflito. O bate-boca, o processo judicial, o veto ao uso das canções por Moeller e Botelho e pela TV Cultura, o retorno de “Apesar de Você” ser em oposição a Temer, e até o fato de Chico e Lula terem estado em palanques opostos nas eleições do Rio de Janeiro. A verve daquele momento histórico pode ser compreendida pelo conflito e nos fazer compreender o apelo a este tema. A influência da ação histórica, somada à ação social e ideológica sobre a notícia é manifestada nas manchetes. Em 11 meses, Chico Buarque de Hollanda foi notícia sete vezes, todas elas por situações, em maior ou menor escala, tensas. 2016 não foi um ano de atividade do escritor Chico, e o compositor ainda compunha seu novo álbum, o qual só viria à tona no ano seguinte.

No biênio que se seguiu, Chico apareceu mais por sua obra do que por sua vida pessoal, exceção feita à duas reportagens: uma, em 31 de outubro de 2017, sobre seu neto Chico Brown, que compôs uma das faixas do álbum “Caravanas”, e outra na ocasião da morte de sua irmã Heloisa Buarque de Hollanda, popularmente conhecida como Miúcha, na última semana de 2018.

Durante o governo Bolsonaro, o artista brasileiro ficou, como já dito, afastado dos holofotes, exceção feita aos lançamentos de “Essa gente”, “Anos de Chumbo” e “Que tal um samba”. Ocorre que um acontecimento que poderia ter sido protocolar, colocou Chico no centro da pauta por motivos não óbvios: Prêmio Camões de 2019. Isto porque o ex-presidente Jair Bolsonaro se recusou a assinar os documentos necessários para a concretização da láurea ao compositor. E isso gerou conflito interno em seu governo. Em reportagem de 23 de agosto de 2019, Bruno Boghossian e Bruno B. Soraggi repercutiram a demissão do Secretário Especial de Cultura Henrique Pires. O principal motivo da saída foi, segundo ele, o excesso de limitações impostas por Bolsonaro e pelo então Ministro da Cidadania, Osmar Terra. Um dos episódios foi justamente o prêmio Camões, que teria enfurecido Terra. O fato em questão foi escolhido para a manchete da reportagem. A recusa de Bolsonaro em assinar o prêmio de

Chico apareceu em entrevista feita com o escritor angolano Pepetela, publicada em outubro do mesmo ano, na *Ilustrada*.

A tensão direta entre Chico Buarque e o bolsonarismo teve seus últimos capítulos, dentro do recorte deste trabalho, no início de 2023. O texto de Leonardo Lichote, de 7 de janeiro, ao descrever a primeira apresentação da turnê “Que Tal Um Samba?” após a posse de Lula, deu destaque às alfinetadas do cantor em seus detratores. Na manchete, a citação feita por Chico à chegada de “Bom tempo”, em referência à sua canção de 1968. Além dela, a brincadeira com a juíza que questionou a autoria de “Roda Viva” se estendeu. Isso porque, ao cantar “Bancarrota Blues”, de 1985, e falar sobre o tema, o compositor atribuiu a autoria da canção ao ex-ministro da economia Paulo Guedes.

Por fim, em março de 2023, Chico Buarque de Hollanda recebeu o prêmio Luís de Camões em cerimônia que contou com a presença do presidente Lula, bem como do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa e do então primeiro-ministro luso António Costa. Em seu discurso, dedicou o prêmio “a tantos autores e artistas brasileiros humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo” (Folha de S. Paulo, 2023), e apontou que Jair Bolsonaro teve o que chamou de rara fineza de não sujar seu diploma do prêmio Camões. A matéria de Giuliana Miranda seguiu com declarações críticas ao ex-presidente vindas de Lula, do escritor moçambicano Mia Couto e da cantora paraense Fafá de Belém, presentes no evento.

A trajetória do prêmio Camões de Chico Buarque pode ser analisada por algumas óticas, considerando as teorias da notícia. Primeiramente, acompanha a mudança no comando do país, com a saída daquele que não quis laurear o compositor e a entrada de um amigo deste. Há, sobre as notícias, influência da ação histórica, sociocultural e ideológica. O último texto, recheado de aspas contra Bolsonaro, veio entre os 100 primeiros dias do terceiro mandato de Lula, momento em que presidentes costumam ter menos oposição institucional e da imprensa. Além disso, havia expectativa de que Lula entregasse o prêmio a Chico, no que o próprio presidente apontou ser a correção de um erro. Um valor notícia presente na análise das matérias, além do já citado conflito é a consonância. A tensão criada pela recusa de Bolsonaro deu ao acontecimento fôlego para repercutir quatro anos depois, gerando uma linha do tempo própria.

Chico foi notícia, para além de sua dimensão artística, nos momentos em que se posicionou, ou foi chamado a se posicionar sobre a conjuntura política brasileira. Esta convocação pode ter sido feita por seus correligionários políticos ou por ofensas de seus

detratores. Fato é que Chico, em sua oitava década de vida, esteve, como nas outras, presente nos momentos decisivos do país. E esta presença gerou acontecimentos noticiosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após categorizar e analisar as reportagens acima, pode-se tirar impressões sobre o modo com o qual a Folha de S. Paulo tratou Chico Buarque entre seus aniversários de 70 e 79 anos. Algumas dizem respeito ao jornal e sua própria organização, outras dizem respeito à representação de Chico e sua obra. Um primeiro aspecto é a escolha do caderno para noticiar Chico Buarque, das 88 matérias escolhidas, apenas 11 não foram publicadas nos cadernos *Ilustrada* e *Ilustríssima*. Destas, boa parte saiu na seção *Ilustrada (de última hora)* dos cadernos de cotidiano e poder, por exemplo. Do ponto de vista de efeméride, considerado valor-notícia, apenas os 70 anos de Chico Buarque ensejaram reportagens na edição impressa da Folha. Nem nos 75, que poderiam ser considerados marcantes, houve atenção ao compositor carioca.

Os lançamentos feitos por Chico nos últimos nove anos tiveram espaço de destaque, muitos deles, inclusive, foram capa do caderno de cultura. Releituras de sua obra, em especial da teatral, também apareceram, ainda que em menor número e espaço, sempre com exaltações ao autor de suas versões originais. Esta louvação a Chico como baluarte da produção cultural brasileira se fez presente em quase todos os momentos. A ponto de ele aparecer, em muitas matérias, como legitimador de determinados artistas ou valor de consonância para aferir relevância cultural às reportagens.

Além da consonância e relevância, outros valores-notícias percebidos nas matérias que abordaram Chico Buarque foram a notoriedade, a qual está ligada ao compositor ser, do ponto de vista cultural, pessoa de elite. Além destes, também houve o conflito, em especial nos textos que abordaram a relação de Chico com opositores de Dilma Rousseff, e com os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Os processos, bate-bocas e cutucadas em seus detratores foram parte da biografia pública do cantor nos últimos anos, e passaram pelos portões da noticiabilidade no jornal dos Frias.

Para a combinação de fatores, como acontecimentos e valores-notícia, levarem Chico Buarque às páginas da Folha, foram influenciados pelas forças conformadoras apresentadas por Jorge Pedro Sousa. Neste trabalho, a ação pessoal foi pouco abordada, apenas o sendo pela percepção de que alguns e algumas repórteres assinaram mais de uma matéria sobre o artista carioca e sua arte. As ações cultural, social e ideológica, do contrário, se fizeram mais

presentes na análise, a primeira para explicar o posicionamento de Chico como ícone cultural, a segunda e a terceira para explicar as possíveis motivações para que se escrevesse sobre as tensões entre ele e seus críticos políticos, ou sobre o foco dado à novela do Prêmio Luís de Camões de 2019. A ação do meio físico e tecnológico também apareceu, uma vez que as matérias que fugiram do padrão foram as que tiveram mais espaço para serem acomodadas no jornal.

Por fim, a ação histórica fez parte de todo o arcabouço da análise. As transformações políticas, sociais e de percepção cultural no Brasil da última década foram determinantes para que as outras forças conformadoras se acomodassem no tabuleiro da história. Nas curvas dessa linha do tempo, a Folha de S. Paulo manteve Chico Buarque de Hollanda sob seus holofotes, demonstrando sua relevância e a necessidade que a cultura tem de buscar, nele e em sua obra, respostas para o passado, o presente e futuro do país

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SINGER, André. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). **Novos estudos CEBRAP**, p. 39-67, 2015.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional. **Florianópolis: Insular**, v. 2, n. 2, 2005.

## Reportagens

BRASIL, BBC News. matérias publicadas entre jun. de 2013 e jun. de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>, Acesso entre mar. 2024 e jun. 202

GLOBO, g1 - Portal de notícias da. matérias publicadas entre jun. de 2013 e jun. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/>, Acesso entre mar. 2024 e jun. 2024

S. PAULO, Folha de. 19/6/2014 a 19/06/2023. Edição impressa

S. PAULO, Folha de. matérias publicadas entre jun. de 2013 e jun. de 2023. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>, Acesso entre mar. 2024 e jun. 2024

BRÊDA, Lucas. **Samba de Chico Buarque afasta mutreta, e músico sai ovacionado de estreia de show em São Paulo.** Folha de S. Paulo, 3/3/2023. Seção: Ilustrada. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/03/samba-de-chico-buarque-afasta-mutreta-e-musico-sai-ovacionado-deestreia-de-show-em-sp.shtml>, Acesso em: 9/5/2024.

MAGALHÃES, Guilherme. **Marcos Nobre: Se Lula ganhar e voltar ao modelo pemedebista, Bolsonaro se elege em 2026.** JOTA, 28/07/2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/marcos-nobre-se-lula-voltar-ao-modelo-pemedebista-bolsonaro-se-elege-em-2026-28072022>, Acesso em: 10/5/2024.

MENEZES, Thales de. **Letras antenadas justificam clamor por novo disco de Chico Buarque.** Folha de São Paulo, 22/8/2017. Seção: Ilustrada. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1911905-letras-antenadas-justificam-clamor-por-novo-disco-de-chico-buarque.shtml>, Acesso em: 10/5/2024.

\_\_\_\_\_. **. Letras de Roberto Carlos, que faz 80 anos, exibem do bronco ao amante.** Folha de São Paulo, 17/4/2021. Seção: Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/04/letras-de-roberto-carlos-que-faz-80-anos-exibem-do-bronco-ao-amante.shtml>, Acesso em: 10/5/2024.

PORTE, Walter. **Tensões do Brasil sob Bolsonaro temperam novo livro de Chico Buarque.** Folha de São Paulo, 8/11/2019. Seção: Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/tensoes-do-brasil-sob-bolsonaro-temperam-novo-livro-de-chico-buarque.shtml>, Acesso em: 9/5/2024.

\_\_\_\_\_. **Chico Buarque se vinga de haters e fustiga o Exército em primeiro livro de contos.** Folha de São Paulo, 13/10/2021. Seção: Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/chico-buarque-se-vinga-de-haters-e-fustiga-o-exercito-em-primeiro-livro-de-contos.shtml>, Acesso em: 9/5/2024.

**REDAÇÃO, A visão de Chico Buarque sobre Lula e a crise.** Congresso em Foco, 06/05/2006. Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/a-visao-de-chico-buarque-sobre-lula-e-a-crise/>, Acesso em: 01/6/2024.

**REDAÇÃO, Os 100 Maiores Artistas da Música Brasileira.** Rolling Stone, 16/10/2008.

Disponível em:

<https://rollingstone.uol.com.br/artigo/os-100-maiores-artistas-da-musica-brasileira/>, Acesso em: 01/6/2024.

**SENADO, Agência. CPI da Pandemia: principais pontos do relatório.** Senado Notícias, 20/10/2021. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>

SÁ, Nelson de. '**Gota d'Água**' reencontra canto seco de Laila Garin. Folha de São Paulo, 16/9/2016. Seção: Ilustrada. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/09/1813731-gota-dagua-reencontra-canto-seco-de-laila-garin.shtml>, Acesso em: 10/5/2024.

**VIANNA, Luiz Fernando. Boa como antes, obra atual de Chico Buarque não fala com o presente.** Folha de São Paulo, 19/06/2014. Seção: Ilustrada. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/06/1472521-analise-boa-como-antes-obra-atual-de-chico-buarque-nao-fala-com-o-presente.shtml?cmpid=menutop>, Acesso em: 10/05/2024.

**VIEIRA, Bianka. Chico Buarque tem intuição rara e anda mais solto, dizem músicos de sua banda.** Folha de São Paulo, 2/04/2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/04/chico-buarque-tem-intuicao-rara-e-anda-mais-solto-dizem-musicos-de-sua-banda.shtml>, Acesso em: 10/5/2024.

## Obras audiovisuais

FANTÁSTICO. Roberto Carlos desponta em pesquisa sobre preferência musical .TV Globo, 1978. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/846901/?s=0s>. Acesso em: 01/06/2024

FANTÁSTICO. Brasileiros consideram Roberto Carlos o melhor cantor do país .TV Globo, 1978. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/846887/?s=0s>. Acesso em: 01/06/2024

PSDB. FHC 80 anos: Vai ganhar. Youtube, 29 de junho de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mFW9HCeXGdI>. Acesso em: 01/06/2024

CHICO EM CENA: O Grande Circo Místico. Locução de: Otavio Filho. Local: Rádio Batuta, 29 de maio de 2024. Programa de rádio online. Disponível em: <https://radiobatuta.ims.com.br/programas/chico-em-cena/o-grande-circo-mistico>. Acesso em: 30/05/2024

CHICO EM CENA: Outras trilhas com Edu Lobo. Locução de: Otavio Filho. Local: Rádio Batuta, 29 de maio de 2024. Programa de rádio online. Disponível em: <https://radiobatuta.ims.com.br/programas/chico-em-cena/outras-trilhas-com-edu-lobo>. Acesso em: 30/05/2024